

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FAFICH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**A prática docente frente ao individualismo e consumismo na
infância pós-moderna: concepção dos professores do Ensino
Fundamental**

BIANCA FERREIRA ROCHA

Belo Horizonte

2014

BIANCA FERREIRA ROCHA

**A prática docente frente ao individualismo e consumismo na
infância pós-moderna: concepção dos professores do Ensino
Fundamental**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Cultura, Modernidade e Processo de Subjetivação.

Área: Psicologia Social

Orientadora: Prof^a Dr^a Érika Lourenço

Belo Horizonte

2014

150	Rocha, Bianca Ferreira
R672p	A prática docente frente ao individualismo e consumismo na infância pós-moderna [manuscrito] : concepção dos professores do Ensino Fundamental / Bianca Ferreira Rocha.
2014	- 2014. 79 f. Orientadora: Érika Lourenço.
	Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	1.Psicologia – Teses. 2.Sociedade de consumo - Teses 3.Individualismo - Teses. 4.Infância - Teses. 5.Professores de ensino fundamental – Teses . I. Lourenço, Érika. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas .III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PPG
PSICO
LOGIA
UFMG

FOLHA DE APROVAÇÃO

**A PRÁTICA DOCENTE FRENTE AO INDIVIDUALISMO E
CONSUMISMO NA INFÂNCIA PÓS-MODERNA: concepção dos
professores do Ensino Fundamental**

BIANCA FERREIRA ROCHA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração PSICOLOGIA SOCIAL, linha de pesquisa Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação.

Aprovada em 28 de fevereiro de 2014, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Érika Lourenço - Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof(a). Sônia Regina Corrêa Lages
UFMG

Prof(a). Jacqueline de Oliveira Moreira
PUCMINAS

Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2014.

Dedico este trabalho a todos aqueles que bravamente lutam por uma educação que tenha como premissa uma formação humana, cidadã e que respeite os direitos as diferenças.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

À minha família que se faz presente em todos os momentos incentivando e fortalecendo a minha caminhada.

À minha orientadora Érika Lourenço pela orientação e apoio oferecidos no meu processo de formação e por me permitir a liberdade de pensar e criar.

Às professoras Kátia Passaglio, Valéria Freire e Betânia Diniz que despertaram em mim o desejo pela busca de novos conhecimentos.

Ao meu grande e sincero amigo João Henrique que sempre me oferece da forma mais simples e singela as palavras mais sábias e o apoio diante das dificuldades.

Às amigas que entenderam a minha ausência.

Aos amigos do trabalho pelo apoio e ensinamentos ofertados a cada novo desafio e em especial à Bruna Simões que entendeu as minhas ausências e que me ensinou a importância e o respeito aos mais diferentes saberes.

Aqueles que se fizeram presentes nos mais diversos momentos e que aos poucos vão se mostrando essenciais na minha caminhada.

Às professoras que participaram da pesquisa e que me ensinaram um pouco mais sobre a beleza de educar.

Às professoras Jacqueline Moreira e Sônia Lages por aceitarem ler o meu trabalho e contribuir para o meu aprendizado.

Aos leitores que aceitaram embarcar comigo na descoberta da infância de hoje que se faz presente nos mais diferentes espaços.

RESUMO

Rocha, B. F. (2014) A prática docente frente ao individualismo e consumismo na infância pós-moderna: concepção dos professores do ensino fundamental. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

O presente trabalho teve como objetivo investigar e analisar as concepções dos professores das séries iniciais do ensino fundamental a respeito da sua prática frente ao consumismo e individualismo na infância pós-moderna. Para que os objetivos propostos neste trabalho fossem alcançados foi realizada uma pesquisa de base qualitativa com busca de dados teóricos e empíricos. A coleta de dados em campo foi realizada por meio da entrevista semi-estruturada com quatro professoras que lecionam no ensino fundamental de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo. Observou-se que a concepção de infância apresentada pelas professoras está pautada na imagem de inocência, ingenuidade e imaturidade. O consumismo foi mencionado como uma característica que se faz presente na infância de hoje, o que não foi observado em relação ao individualismo. Contudo, foi apontado pelas professoras que a socialização e as interações que as crianças estabelecem entre si têm sofrido alterações que estão associadas ao consumo. Nesse âmbito as professoras percebem a importância de se trabalhar tais questões que surgem nas relações entre as crianças. Assim sendo, discutir acerca das concepções que os professores têm sobre sua prática frente ao consumismo e individualismo na infância pós-moderna, nos permite entender mais sobre como a infância é vista e trabalhada no contexto escolar e quais as práticas educativas são privilegiadas nesse espaço.

Palavras-chave: consumismo; individualismo; infância; pós-modernidade; prática docente

ABSTRACT

Rocha, B. F. (2014). Teaching practice against individualism and consumerism in post-modern childhood: the design of elementary school teachers. Dissertation, Philosophy and Human Sciences College, Federal University of Minas Gerais, Belo Horizonte.

The present study aimed to investigate and analyze the conceptions of teachers in the early grades of elementary school regarding their practice about consumerism and individualism in post- modern childhood. In order to achieve the objectives proposed in this paper, a qualitative research of theoretical and empirical data was performed. Data collection in the field was conducted through semi - structured interviews with four teachers who teach in elementary education at a municipal school in Belo Horizonte. Data were analyzed based on content. It was observed that the concept of childhood is guided by the image of innocence, naivety and immaturity, according to the teachers. Consumerism was mentioned as a feature that is present in today's childhood, which was not observed about individualism. However, it was pointed out by the teachers that socialization and interactions that children establish with themselves have changed and they are associated with consumption. In this context, teachers can realize the importance of working these issues that arise in relationships between children. Therefore, discuss about the conceptions that teachers have about their practice about consumerism and individualism in post- modern childhood, allows us to understand more about how childhood is seen and worked in a school context and which educational practices are privileged in that space.

Keywords: consumerism and individualism; childhood; post-modernity; teaching practice

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONSUMISMO E INDIVIDUALISMO NA INFÂNCIA: a prática docente na pós-modernidade.....	14
2.1 Mundo pós-moderno: produção de individualismo e consumismo	14
2.2 A infância no mundo pós-moderno.....	21
2.3 A prática docente com a infância pós-moderna.....	31
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	40
4 CONCEPÇÕES ACERCA DA PRÁTICA DOCENTE FRENTE AO INDIVIDUALISMO E CONSUMISMO NA INFÂNCIA: apresentação dos resultados	43
4.1 Pesquisa de campo.....	43
4.2 Sujeitos	44
4.3 Entrevistas.....	46
4.3.1 Infância na concepção das professoras: ontem e hoje.....	47
4.3.2 Concepção dos professores sobre a prática docente com a infância de hoje	48
4.3.3 Individualismo e consumismo na infância: fatores para uma prática	50
4.3.4 A brincadeira e a família: fatores de mudança.....	55
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	58
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS.....	74
APÊNDICE	78

1 INTRODUÇÃO

A escolha pelo tema desse trabalho se inicia a partir da inquietação com as mudanças tão presentes e importantes que vem ocorrendo na atualidade. Tem-se vivido tempos de intensas transformações no que diz respeito as nossas relações com as pessoas, objetos e cultura o que tem permitido que seja repensada constituição dos sujeitos. Essas transformações geram discussões que estão relacionadas a educação escolar e como esta considera e lida com as nossas atuais condições de vida, pois a instituição escolar nasce na modernidade e lida em seu cotidiano com crianças e adolescentes pós-modernos. Junto a isso as transformações vivenciadas na infância pós-moderna tem-se tornado um grande desafio para os pesquisadores, uma vez que as mudanças na sociedade pós-moderna são rápidas, o individualismo está mais presente e o estímulo ao consumo impera cada vez mais. Frente a este panorama de mudanças que se instala na atualidade, as discussões acerca da constituição da nossa sociedade pode nos auxiliar a entender as nossas inquietações referentes a educação das crianças.

Pode-se destacar que atualmente muito se fala sobre a educação como meio de transformação social. Mas para haver este tipo de transformação, necessário se faz ter um perfil de homem participativo. Para que essas características destes indivíduos possam ser desenvolvidas é necessário refletir sobre a educação e o modelo de escola, pois ela desempenha um importante papel neste processo de mudança (Viegas & Osório, 2007). Portanto, é necessário entender e estudar o campo educativo para que seja possível tecer uma reflexão sobre a forma como as crianças são socializadas e as interações que estabelecem em seu contexto.

Ao fazer um percurso sobre as pesquisas referentes a infância os resultados revelam que esta fase da vida é muito estudada na pós-modernidade (Castro, 1999, 2001, 2002; Dornelles, 2005; Kramer, 2003; Lima, 2000; Momo & Costa, 2010; Momo, 2007; Sousa, 2012; Postman 1999). Estes estudos em sua maioria têm como foco questões relacionadas ao consumismo e a influência das mídias e tecnologias na infância. São poucos os estudos direcionados a questões referentes ao individualismo. Porém, como aponta Lipovetsky (2005) em uma sociedade de consumo que tem cada vez mais opções de escolha, o individualismo se faz presente. Assim sendo, investigar a questão do individualismo voltada para a

infância nos permite entender como os imperativos do consumo chegam até as crianças e se tal fator altera constituição destas enquanto um sujeito social.

Com as mudanças ocorridas nas relações familiares no século XX, nas quais se destaca a entrada da mulher no mercado de trabalho, além da importância que hoje é dada às mídias de massa e às novas tecnologias o processo de socialização primária das crianças também sofreu transformações. No que diz respeito às mídias pode-se dizer que elas não substituíram as intersubjetividades, a criatividade e autonomia das crianças. Entretanto, é possível perceber que tais mídias fornecem imagens, símbolos, valores que são apropriados e elaborados pelas crianças criando novas culturas de pares. Assim sendo as mídias contribuem para a reprodução cultural (Belloni, 2007), ou seja, reproduzem atualmente relações pautadas no individualismo e consumismo.

As transformações que o mundo pós-moderno está vivenciando também se faz presente no âmbito escolar, uma vez que estas transformações alteram as relações entre os sujeitos, na forma destes se comunicar e interagir. O conceito de pós-modernidade foi importante para este trabalho por propor que a pós-modernidade é uma continuação da modernidade, de modo que características da modernidade ainda se fazem presentes na pós-modernidade. E para entender a pós-modernidade no âmbito escolar, uma instituição que se apresenta notadamente moderna pode colaborar para o debate das inquietações presentes na educação escolar (Momo, 2007).

Diante desse panorama a escola enfrenta desafios, tendo que se comprometer com a formação de crianças que estão mergulhadas em um mundo onde se faz presente avanços tecnológicos, a globalização que provoca mudanças nos modos de produção e nas relações, as mazelas sociais, como violência e a desigualdade social (Cohén & Figueiredo, 2012). O que ocorre é que tais mudanças provocam alterações no campo da educação, que podem gerar crises na organização escolar e nas relações estabelecidas entre os membros partícipes desse espaço.

Frente a esse panorama o presente trabalho teve o objetivo de investigar e analisar as concepções dos professores das séries iniciais do ensino fundamental a respeito da sua prática frente ao consumismo e individualismo na infância pós-moderna. Assim buscou-se compreender como os professores concebem o individualismo e consumismo na infância e quais práticas exercem frente a esse

cenário. Para tanto foi realizada uma pesquisa de base qualitativa com coleta de dados em campo, tendo como instrumento de coleta a entrevista semiestruturada realizada com quatro professoras que lecionam no Ensino Fundamental de uma escola municipal de Belo Horizonte. As entrevistas abordaram questões referentes a concepção das professoras acerca da sua prática frente a infância pós-moderna, tendo como foco o individualismo e o consumismo.

Para a discussão do tema foram utilizados estudos que versam sobre a pós-modernidade, principalmente no que diz respeito a presença do consumismo e do individualismo nas relações sociais. A constituição da infância, um dos focos de discussão deste trabalho, também foi analisada desde o surgimento do sentimento da infância até a sua constituição nos tempos pós-modernos. Tais discussões foram contextualizadas no âmbito da educação, pensando em como as questões do mundo pós-moderno adentram os muros da escola, para então entendermos como professores concebem e como direcionam as suas práticas frente ao consumismo e o individualismo na infância pós-moderna.

Tendo como foco o objetivo acima exposto, o trabalho se organiza em seis capítulos. O primeiro capítulo é constituído pela introdução do trabalho. O segundo capítulo é composto pela discussão teórica da pesquisa. Primeiramente foi apresentado um panorama de como se organiza a sociedade pós-moderna, sua constituição e o que a diferencia da modernidade. Nesse âmbito também foram descritas duas características que se fazem presentes na organização da pós-modernidade, são elas o consumismo e o individualismo, objetos de estudo deste trabalho. Fez-se importante também teorizar acerca da constituição da infância, utilizando para isso de uma perspectiva histórica pensando em como a infância será vista e tratada ao longo do tempo e como ela se constitui na pós-modernidade. Por fim, foi discutido sobre os desafios enfrentados pela escola nos dias atuais e como os professores lidam com as mudanças apresentadas pela infância.

No terceiro capítulo foi discutida a metodologia da pesquisa expondo a perspectiva teórica a qual o trabalho se embasa, os instrumentos metodológicos, bem como os métodos para coleta e análise de dados. Em seguida, o quarto capítulo, teve como foco a exposição dos resultados, com a apresentação dos sujeitos da pesquisa e das entrevistas, bem como os dados obtidos que foram organizados em categorias de análise, conforme a análise metodologia empregada.

O quinto capítulo apresenta a discussão dos resultados, fazendo a leitura dos dados descritos no capítulo anterior, por meio da teoria que embasou o trabalho. Por fim, é feita uma conclusão do trabalho apresentando as reflexões surgidas a partir da realização da pesquisa, além de novos questionamentos que se fizeram presentes no contato com o tema e após a leitura dos dados.

Desse modo, considerando que a infância vem sofrendo alterações ao longo da história, deve-se considerar que atualmente há uma mudança na concepção da infância quando comparada com a infância pensada na modernidade. Frente a isso é preciso pensar as instituições educativas de modo que estas não se afastem do funcionamento da sociedade pós-moderna e dos assuntos cotidianos. Nesse âmbito discutir acerca das concepções que os professores têm sobre sua prática frente ao consumismo e individualismo na infância pós-moderna, possibilita entender mais sobre como a infância é vista e trabalhada no contexto escolar e quais as práticas educativas são privilegiadas na escola.

2 CONSUMISMO E INDIVIDUALISMO NA INFÂNCIA: a prática docente na pós-modernidade

Estudar a infância nos tempos atuais tem se tornado um grande desafio para os pesquisadores, uma vez que as mudanças na sociedade pós-moderna são rápidas, o individualismo está mais presente e o estímulo ao consumo se faz cada vez mais imperante. Todos entram nessa lógica, imersos em uma sociedade que estimula o individual em detrimento do coletivo. Assim sendo a infância também vem sofrendo alterações de modo que as crianças já não são vistas e nem se comportam como em outras épocas (Postman, 1999). Tais questões referentes às mudanças no campo da infância são discutidas e sentidas em diferentes âmbitos da sociedade, sendo a escola um deles.

Portanto, entender e estudar a infância no campo educativo, tendo como parâmetro a concepção dos professores sobre a sua prática com as crianças, permite conhecer os significados atribuídos à infância articulando-os com as representações que se relacionam com os diferentes momentos da existência no imaginário social (Castro, 1998).

2.1 Mundo pós-moderno: produção de individualismo e consumismo

Diferentes autores trabalham com o conceito de pós-modernidade adotando significados muitas vezes distintos. O próprio termo pós-moderno é utilizado por diferentes autores adotando significados muitas vezes variados. Frente a isso Momo (2007) que realizou um trabalho acerca da mídia e do consumo na infância que vai a escola, propõe que as discussões que giram em torno desse termo fazem referência a três aspectos: a primeira delas diz respeito a constituição do prefixo pós, há autores que dizem que esse prefixo designa uma ruptura com a modernidade; há também àqueles autores que questionam se a pós-modernidade seria um período histórico e, por fim, ainda há autores que questionam se o termo pós-modernidade se remete mesmo a configuração do mundo. Tendo estes três aspectos como

norteador das discussões, a autora expõe que há muitos desacordos uma vez que há autores que analisaram a pós-modernidade por diferentes perspectivas, são elas culturais, econômicas e sociais. Além disso, há aproximações nas análises dos autores que em alguns casos elencam as mesmas características para a pós-modernidade, como por exemplo, o consumismo e o individualismo. A autora conclui então, que frente a esse grande cenário teórico o que se deve é fazer opções teóricas que melhor elucidem o objeto de pesquisa.

Diante das teorizações acerca da pós-modernidade a opção adotada neste trabalho será aquela proposta por Gilles Lipovetsky (2005). Em seu livro “A Era do Vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo” propõe a pós-modernidade como uma afirmação da modernidade, trazendo muitos elementos desta de forma mais exacerbada, de modo que o pós-moderno tem características intensificadas do moderno. Desse modo tal opção teórica possibilitou que fosse feita uma leitura da pós-modernidade na educação escolar considerando as características modernas que esta ainda carrega em seu bojo.

Cabe ainda acrescentar que Zygmunt Bauman (2007), outro autor utilizado, também faz importantes discussões sobre a pós-modernidade, principalmente no que se refere ao individualismo e consumismo na sociedade pós-moderna, conceitos centrais para este trabalho.

Os autores apontam o individualismo e o consumismo como características principais da pós-modernidade, características estas que serão responsáveis pela forma como os indivíduos se relacionam e como as sociedades se organizam. A oferta de produtos cada vez mais abundante promete a felicidade por meio do consumo e da obtenção de objetos que tornarão os sujeitos singulares, estimulando-os a serem cada vez mais individualistas. Esses pontos serão levantados pelos autores como características importantes de serem analisadas na pós-modernidade, os quais serão discutidos neste trabalho.

Para se iniciar a discussão é importante considerar como a sociedade se configura na atualidade. Muitos autores têm trabalhado com esta questão e apresentado como característica central da vida social a rapidez nas transformações. Lipovetsky (2005) aponta, ainda, como características da sociedade pós-moderna o individualismo, a fluidez das relações, tendo desse modo um enfraquecimento da sociedade de costumes e o crescente consumo em massa. No que diz respeito a pós-modernidade o autor propõe que é preciso determinar o que

aconteceu anteriormente - na modernidade - pois o novo exige que haja memória. O modernismo segundo o autor sugere sempre o novo, numa rápida sucessão, de modo que um trabalho de vanguarda rapidamente se torna algo já visto, porém uma característica do modernismo é não propor uma ruptura com o que lhe é anterior, mas sim uma continuidade. Tal fato está ligado a uma rebelião contra regras e valores da sociedade burguesa enaltecendo o eu, autenticidade e prazer.

Para Lipovetsky (2005) a cultura modernista é a cultura da personalidade, centrada no eu, nesse contexto as regras da vida burguesa são atacadas e não mais se enaltece o trabalho, a poupança, a moderação e o puritanismo. O que aparece a partir disso é um individualismo ilimitado e hedonista que recompõe a realidade e se retira para o interior do eu, de modo que a experiência pessoal se tornará fonte de inspiração. A modernidade é universalista em seu projeto e ao mesmo tempo é regida por um processo de personalização que visa liquefazer o que é rígido assegurando as idiosincrasias dos sujeitos.

Huyssen (1992) faz um importante percurso histórico, mapeando o pós-moderno, trazendo importantes elementos para entender as mudanças ocorridas no pós-modernismo. Tal construção elaborada pelo autor possibilita entender o movimento histórico da atualidade e as transformações que se operaram na sociedade pós-moderna. Ao fazer um percurso histórico sobre como se deu o pós-modernismo e quais as mudanças essa fase traz, aponta que no pós-modernismo registra-se uma mudança no que diz respeito as práticas, a sensibilidade e os discursos em relação ao período anterior. Ele ainda sustenta a ideia de que o pós-modernismo não faz uma ruptura com sua fase anterior o que pode ser percebido na própria palavra que estabelece o fenômeno pós-moderno como relacionado ao moderno.

Nesse sentido a modernidade começa a traçar as bases da pós-modernidade com a sucessão de informações em ritmos cada vez mais acelerados, a rapidez dos acontecimentos, a fluidez dos relacionamentos e a exaltação do eu, se caracterizando como uma sociedade hedonista e consumista.

Tendo a modernidade chegado ao seu apogeu a pós-modernidade se inicia propondo uma continuidade da modernidade, porém com maior intensidade. O pós-modernismo aparece como democratização do hedonismo, a glorificação do novo e o fim da divisão entre os valores da esfera artística e do cotidiano. Essa fase traz uma cultura extremista e será no decorrer da década de 1960 que serão reveladas

as características do radicalismo cultural e político, bem como o hedonismo exacerbado. Assim sendo, o epicentro da modernidade e da pós-modernidade seria o hedonismo e o consumismo. O indivíduo não se encontra mais submetido às regras sociais, se encontram agora estimulados a serem eles mesmos, o que é conceituado por Lipovetsky (2005) como um processo de personalização. Na atualidade as pessoas querem viver o momento, com o desejo de se manterem sempre jovens, elas passam ter mais opções de escolha, mas mesmo diante dessa abertura de possibilidades o que irá predominar é o vazio (Lipovetsky, 2005).

A partir de uma perspectiva histórica, o pós-modernismo pode ser mapeado desde os anos 60. Nessa década houve um pós-modernismo de vanguarda o que vai esgotar seu potencial nos anos 70. Nos anos 60 a ruptura com o passado será sentida como perda nas artes, principalmente na literatura. Assim sendo Huyssen (1992) sinaliza que a revolta dos anos 60 não foi uma rejeição do modernismo, mas sim uma revolta contra a versão domesticada do modernismo dos anos 50. Nos anos 70 é que surgirá o conceito de pós-modernismo e serão nesses anos que haverá uma maior dispersão e disseminação das práticas artísticas todas operando a partir das ruínas do modernismo. Na verdade os estilos modernistas não foram abolidos mas continuam sobrevivendo nas culturas de massa. O pós-modernismo deve ser considerado de forma diferente do modernismo e do vanguardismo, por colocar um campo de tensão entre tradição e inovação, conservação e renovação, cultura de massa e grande arte, colocando sempre em destaque os segundos termos. O pós-modernismo se apresenta então como uma crise da cultura modernista, mas não torna o modernismo desatualizado, uma vez que ele joga uma nova luz sobre o modernismo se apropriando de suas estratégias e técnicas, fazendo-as trabalhar em novas constelações (Huyssen, 1992).

Jameson (1997) aponta como mudanças do pós-modernismo, através da leitura de pinturas, que o alto modernismo e o pós-modernismo se diferenciam, entre outras coisas pelo achatamento ou falta de profundidade, um novo tipo de superficialidade que se fará mais presente no pós-modernismo. Outro ponto levantado pelo autor é que na cultura pós-modernista há uma diminuição do afeto nas pinturas. Há ainda uma substituição dos diversos modelos de profundidade por concepções de práticas, discursos e jogos textuais que será substituída por superfícies múltiplas.

Lipovetsky (2005) por sua vez, levanta como características presentes na sociedade pós-moderna a questão do consumismo e individualismo. A era do consumismo liquidou o valor dos costumes e tradições e produziu uma cultura nacional e internacional com base na solicitação das necessidades e das informações. Pode-se acrescentar também que o consumismo aceitava um modo de vida onde a mudança e a transformação pessoal se faz presente.

...o consumismo é um processo que funciona à base da sedução: sem qualquer dúvida os indivíduos adotam os objetos, as modas, as fórmulas de lazer elaboradas por organizações especializadas, porém de acordo com suas conveniências, aceitando isto e não aquilo, combinando livremente os elementos programados (Lipovetsky, 2005. p. 85).

Para Bauman (2007) a sociedade de consumo tem como premissa satisfazer o desejo, desejo este que será substituído e insatisfeito, de modo que o produto ofertado como aquele que satisfaz o desejo do consumidor seja logo descartado e tenha outro produto colocado em seu lugar. A sociedade consumista refere não só a um conjunto de indivíduos consumistas, mas sim a percepção e o tratamento de praticamente todas as partes e ações no ambiente social tendem a ser orientados pela síndrome consumista que tem predisposições cognitivas e avaliativas. Essa síndrome é uma série de atitudes e estratégias, disposições cognitivas e julgamentos de valor sobre os caminhos do mundo e as formas de percorrê-los, as visões de felicidade e como persegui-la.

A sociedade do consumo traz em seu bojo uma lógica igualitária do bem-estar, apontando que a felicidade é uma referência absoluta, mas não uma felicidade que é possível realizar-se por si mesmo, mas sim está ligada ao mito da igualdade. Essa felicidade para que seja igualitária é preciso ser mensurada através do bem-estar medido por objetos e signos do conforto. Tal felicidade ainda é alimentada por uma exigência igualitária que se funda em princípios individualistas, nos quais cada indivíduo tem direito a felicidade. Tal princípio se funda no fato de que diante das necessidades e do princípio de satisfação todos os homens são iguais por serem iguais no valor de uso dos objetos. A sociedade de consumo resultará de princípios igualitários e democráticos. Surge, segundo Baudrillard (1995), na sociedade novas segregações que se darão ao fazer com que bens antes disponíveis em abundância passam a ser artigos de luxo, acessíveis apenas a pessoas privilegiadas.

O "direito ao ar puro" significa a perda do ar puro como bem natural, a sua passagem ao estatuto de mercadoria e a sua redistribuição social desigualitária. Seria bom não considerar

como progresso social objectivo a *inscrição como "direito" nas tábuas da lei*, o que não passa de progresso do sistema capitalista - isto é, de transformação progressiva de todos os valores concretos e naturais em formas produtivas... (Baudrillard, 1995, p. 57).

No mundo do consumo com a sua profusão de produtos, imagens e serviços, com o hedonismo ao qual induz e com o ambiente eufórico de tentação e proximidade revela uma estratégia de sedução. Tal estratégia de sedução da sociedade de consumo não está ligada ao acúmulo de bens, mas a multiplicação das escolhas. Desse modo, o *self-service* e o atendimento a *lá carte*¹ fazem parte do modelo de vida nas sociedades contemporâneas que cada vez mais abre o leque de produtos (Lipovetsky, 2005). A insatisfação se torna permanente e é "sanada" na loja com a compra de mais objetos. Nesse âmbito o lixo se torna importante pois todos os excessos se tornam descartáveis, de tal modo os bens de consumo prometem estar prontos para o uso imediato e para a satisfação instantânea e tem como destino o lixo. A vida dos consumidores se torna uma sucessão de tentativas e erros de experimentação contínua que não é capaz possibilitar certezas. O mercado tem sua atuação ligada ao agir nas relações interpessoais, alterando as relações humanas no trabalho e no lar trazendo a questão do consumo para os diferentes âmbitos da vida transformando as ações e as vidas trazendo com isso, as mercadorias para as relações e ações (Bauman, 2007).

O consumo em massa provoca a uniformização dos comportamentos e ao mesmo tempo as singularidades, a personalização. A oferta do consumo destrói fórmulas imperativas e aumenta o desejo de ser si mesmo. Desse modo, a era do consumismo tende a reduzir as diferenças instituídas em benefício de uma diferenciação acentuada dos comportamentos (Lipovetsky, 2005).

Como aponta Baudrillard (1995) não consumimos o objeto em si, mas os signos que irão distinguir os indivíduos quer filiando-os a um grupo ou distinguindo-os dentro de um grupo. Tal distinção buscada pelos indivíduos não é uma distinção total dos outros indivíduos, pois é relativa e é este condicionamento relativo no consumo que é determinante, pois jamais terá fim. O que explica o caráter fundamental do consumo que é ser ilimitado.

¹ Expressões utilizadas por Lipovetsky (2005) para designar a possibilidade de escolha de consumo dos indivíduos na sociedade pós-moderna.

A circulação, a compra, a venda, a apropriação de bens e de objetos/signos diferenciados constituem hoje a nossa linguagem e o nosso código, por cujo intermédio toda a sociedade *comunica* e fala. Tal é a estrutura do consumo, a sua *língua* em relação à qual as necessidades e os prazeres individuais não passam de *efeitos de palavra* (Baudrillard, 1995, p. 80)

O consumismo começa a fazer parte da vida dos indivíduos cada vez mais estimulando o hedonismo, dando novos contornos a relações entre os indivíduos que se tornam mais individualistas, buscando se tornarem mais individualistas.

No que diz respeito ao individualismo é importante marcar o que Bauman (2007) propõe, uma vez que para este autor ser um indivíduo significa ser diferente dos outros, mas mesmo sendo os outros que nos instiga a ser diferentes nós não podemos nos diferenciar totalmente. Por isso em uma sociedade de indivíduos, há semelhanças de uns com os outros, pois todos utilizam a mesma estratégia de vida e os mesmos símbolos. Os membros da sociedade individualizada encontram alguns obstáculos para a individualidade de fato. A rápida sucessão de fichas simbólicas de identidade e a instabilidade de escolhas apontam que a busca pela individualidade será para vida toda. Os novos símbolos que nos distingue prometem conduzir-nos ao objetivo da individualidade e ainda convencer aos outros, mas ao mesmo tempo invalida o símbolo de um mês antes. Nesse âmbito o consumismo serve as necessidades na luta para construir, renovar e preservar a individualidade. A luta pela singularidade se tornou o principal motor para a produção de massa. A rotatividade de objetos se torna grande e o que é novo hoje amanhã pode ser ultrapassado. “A individualidade é uma tarefa que a sociedade dos indivíduos estabelece para seus membros – como tarefa individual, a ser realizada individualmente por indivíduos que usam recursos individuais.” (Bauman, 2007, p. 29).

Lipovetsky (2005) também discorre sobre a questão do individualismo e propõe que o indivíduo na pós-modernidade não se encontra mais submetido às regras sociais, os indivíduos se encontram agora estimulados a serem eles mesmos, o que o autor conceitua como um processo de personalização. Nesse ínterim a era do consumismo se revelou como um agente de personalização, com o intuito de responsabilizar os indivíduos a escolher e a mudar os elementos do seu modo de vida. Há que se acrescentar ainda que na sociedade de consumo o hedonismo fica de um lado e a informação do outro, pode-se gozar a vida, mas também deve se manter informado, cuidar da saúde. Assim há um novo tipo de socialização racional

do indivíduo pelo imperativo de se informar, de administrar a si próprio. O processo de personalização que ocorre a partir daí faz aparecer um indivíduo informado e responsabilizado de modo narcísico, desmotivado pela coisa pública e descontraído e desestabilizado da personalidade. A personalidade narcísica será marcada pela fragmentação do eu e pela emergência de um indivíduo obediente a lógicas múltiplas. A pós-modernidade está em continuidade com a modernidade no que tange ao processo de personalização que dissolve a rigidez, afirmando o direito às diferenças. Esse mesmo processo flexível que liberaliza os costumes, aumenta o grupo de reivindicação, agencia o narcisismo e desfaz o verdadeiro que nos faz sair da era disciplinar.

É apenas nessa ampla continuidade democrática e individualista que se desenha a originalidade do momento pós-moderno, a saber, a predominância do individual sobre o universal, do psicológico sobre o ideológico, da comunicação sobre a politização, da diversidade sobre a homogeneidade, do permissivo sobre o coercitivo (Lipovetsky, 2005, p. 92).

Assim sendo as características presentes na pós-modernidade fazem parte da vida dos indivíduos constituindo novas formas de comportamento e de relação dos indivíduos com os objetos e a cultura.

2.2 A infância no mundo pós-moderno

A infância na pós-modernidade também vem sofrendo alterações de modo que as crianças já não são vistas e nem se comportam como em outras épocas. Todos entram na lógica da sociedade pós-moderna, imersos em uma sociedade que estimula o individual em detrimento do coletivo. Portanto, estudar a história da infância requer buscar dentro de cada formação social aquilo que configura, de modo prevalente, os significados atribuídos à infância articulando com as representações que se relacionam com os diferentes momentos da existência no imaginário social (Castro, 1998). A criança não está limitada a uma etapa cronológica, pois está ligada ao contexto sócio cultural em que se inserem, além de apresentarem características que são comuns a elas (Oliveira, 2012).

Segundo Smolka (2002) as imagens criadas das crianças ao longo da história influenciaram o cotidiano das práticas dos profissionais que trabalham com elas. Inicialmente é preciso pensar no estatuto de sujeito que estamos discutindo para então refletir sobre as questões que envolvem a constituição das crianças. Tal discussão pode ser iniciada nos séculos XV a XVIII, nos quais foram se configurando a história da civilização e a noção de sujeito vai surgindo nas mais variadas facetas, bem como novos delineamentos conceituais e teóricos. Nessa época a ideia de eu e a busca de conhecimento estava ligada a finalidade da vida. Contudo, será na passagem para o século XIX, com Hegel, que o homem será visto como um ser constituído por um processo histórico. A descoberta da subjetividade se esboçava de diferentes formas e nesse âmbito a criança se destacará do corpo coletivo da linhagem o que faz dela uma pessoa singular. "Entrelaçados à mudança de estatuto de sujeito, em relação às formas de ser e de conhecer, as imagens e o lugar da criança na sociedade também vão se alterando." (Smolka, 2002, p. 105).

No entanto, para que se possa melhor compreender como a infância vai se constituindo ao longo da história é necessário que seja discutido como e quando o sentimento de infância surge, uma vez que esse sentimento nem sempre existiu e a infância não foi vista e tratada da mesma forma ao longo da história.

Ariès (1981) foi um estudioso que se dedicou a entender sobre a história da criança analisando pinturas nas quais haviam a representação de crianças. Frente a este material histórico ele descreveu como a infância foi apresentada ao longo do tempo, as mudanças e as características que as crianças adquiriam de acordo com a época vigente. Desse modo, o autor irá traçar uma linha histórica sobre a constituição da infância ao longo do tempo, e como esta foi vista e tratada pela sociedade. Contudo é importante apontar que Gélis (1991) afirma que a evolução do sentimento da infância não se dá de forma linear, uma vez que questões políticas e religiosas perpassarão a história trazendo novos pontos de discussão sobre a infância.

O sentimento da infância não será o mesmo ao longo do tempo e nem se dará de modo linear ao longo da história, pois apresentou muitas vezes avanços e retrocessos, bem como esteve ligado a um contexto cultural, histórico, social e intelectual.

Para iniciar essa discussão os estudos de Postman (1999) trazem contribuições importantes ao se referir ao período da Grécia, com Platão. Segundo o

referido autor no período de Platão não havia tal sentimento porque as pessoas pouco se preocupavam com as crianças. Não havia uma separação entre o mundo das crianças e dos adultos de modo que todos os assuntos eram tratados diante destas. Tal questão começa a ser discutida quando Quintiliano aponta para a vergonha que as pessoas deveriam ter ao falar de certos assuntos na presença das crianças. Será com a lei contra o infanticídio em 374 da era cristã que começará a se esboçar o sentimento de infância.

Dando sequência à análise sobre o surgimento do sentimento da infância Postman (1999) diz que no mundo medieval tal sentimento ainda não existia devido três fatores a escrita, pois a sociedade usava basicamente da oralidade para transmitir os conhecimentos; a falta de educação escolar; e a falta do sentimento de vergonha que separasse o mundo das crianças e dos adultos de modo que tudo podia ser dito e feito na frente delas. Esses fatores serão responsáveis por não haver uma distinção entre o mundo do adulto e o mundo da criança. O mundo medieval por estar pautado na oralidade não tinha elaborado um conceito de infância, por isso a educação se configurava como um fator de entrada no mundo adulto e, ainda a falta de vergonha também se configurava como um fator de não separação das crianças e dos adultos, pois tudo podia ser feito e falado na frente de uma criança.

Ariès (1981) por sua vez, relata que até por volta do século XII na arte medieval as crianças eram representadas como adultos, porém em tamanho reduzido. Tal fato pode estar ligado a não existência de um lugar para a infância naquele mundo. Será então, no século XIII que surgirá a representação de crianças que se assemelham com as da modernidade, as crianças serão representadas na imagem de anjos mais ou menos grandes, como um clérigo. De acordo com Gélis (1991) será no século XIV que se iniciará uma preocupação em preservar a vida da criança, essa ideia surge a partir da valorização que é conferida a vida que não estará mais somente ligada a perpetuação da linhagem.

Da iconografia religiosa passará a existir uma leiga e desse modo, nos séculos XV e XVI as crianças serão representadas com mais frequência levando em conta questões de gênero, não sendo feitas portanto, pinturas estáticas e personagens simbólicos. Há duas hipóteses para explicar tal fato: uma de que a vida cotidiana das crianças estava misturada a dos adultos, ou então, os pintores gostavam de representar a criança por sua graça ou por seu pitoresco (Ariès, 1981).

Depois dos séculos XVI e XVII que será reconhecida a existência da infância, isso porque houve a separação do mundo das crianças e do mundo adulto, pois se tinha a crença de que as crianças apresentavam uma natureza e necessidades diferentes dos adultos. Elas também foram separadas dos adultos para que pudessem aprender a ler e a escrever. É nesse contexto, onde a instrução era mais valorizada e onde havia mais escolas que o conceito de infância se desenvolveu mais rapidamente. A aprendizagem da escola passou a ser identificada com a natureza especial da infância, sendo definida pela frequência escolar (Postman, 1999).

Com o surgimento do modelo de infância, a família moderna começa a tomar forma. A exigência de que as crianças fossem cuidadas e educadas pelos seus pais levou a um outro relacionamento entre pais e filhos, uma vez que ficou a cargo dos pais serem, guardiães de seus filhos, sendo forçados a viver o papel de educadores e teólogos instruindo seus filhos a serem tementes a Deus (Postman, 1999). As novas relações estabelecidas entre pais e filhos influenciarão nos comportamentos dos adultos que passarão a ver as crianças de uma nova forma, com mais amor e cuidado e por isso, serão acusados de serem complacentes com os filhos. O temor que se tinha frente a esse comportamento era que a educação que estava a cargo só dos pais trouxesse consequências nefastas para as crianças, surgindo desse modo no século XVIII a importância da criação do sistema educativo que ficará a cargo da Igreja e do Estado (Gélis, 1991).

Nesse contexto educacional serão escritos livros seriados e serão organizadas as classes escolares e os professores inventarão os estágios da infância. Essa criação de uma hierarquia de conhecimentos e habilidades levou os adultos a inventarem uma hierarquia do desenvolvimento infantil (Postman, 1999). As imagens da infância e a educação da criança ganharão duas diferentes perspectivas, uma é de Rousseau que propõe como método de ensino aquele que pode levar o aluno das sensações para a razão, considerando o homem e as crianças nas relações sociais. Outra perspectiva é de Itard que propõe que o homem em seu estado natural deve ser educado, pois educar pode se desnaturalizar. Essas ideias possibilitarão o conhecimento psicológico aparecer como um campo de conhecimento que elucida questões relacionadas ao pensamento, colocando em foco agora uma naturalização da razão (Smolka, 2002).

Quase cem anos depois de Rousseau e Itard, Darwin traz à tona a discussão acerca da herança genética e da experiência adquirida. A mente será vista como um

órgão complexo em desenvolvimento no processo evolutivo. A questão do desenvolvimento orgânico passa a ser mais discutido e a criança será observada através dos comportamentos e da mensuração da mente para que possa ser entendido as origens do processo de desenvolvimento humano. Nesse contexto três autores serão importantes para poder entender o desenvolvimento da criança no seu aspecto biológico e cultural, são eles Wallon, Vigotski e Piaget. Suas teorias propõem explicações sobre o desenvolvimento infantil, tendo eles desenvolvido conceitos acerca da inteligência, pensamento, linguagem, afetos, representação, imaginação, consciência, tendo suas análises baseadas em aspectos biológicos e culturais (Smolka, 2002). Assim sendo, a infância adquire diferentes conotações de acordo com o significado social que lhe é conferido.

Como foi exposto acima Ariès (1981) fez uma extensa pesquisa e mostrou que a infância varia de acordo com as condições da época histórica. Portanto é importante considerar as mudanças ocorridas no cenário social para que possamos melhor entender como a infância vai se configurando e as imagens que vão sendo conferidas as crianças no que diz respeito aos seus comportamentos e a seu lugar nas relações estabelecidas nos diferentes espaços que estas se inserem. Cabe ressaltar também que as crianças, assim como os adultos, participam das transformações sociais e vivenciam estas transformações. Desse modo ao estudarmos a configuração dos sujeitos na sociedade contemporânea podemos entender como se configura a infância.

Uma dimensão mais clara sobre a presença e a participação da criança na sociedade inicia-se com as mudanças sociais, econômicas, culturais da contemporaneidade e com as transformações tecnológicas que intervieram em uma concepção de infância com características e necessidades próprias, mas que podem variar segundo a cultura, a sociedade e a família (Oliveira, 2012).

Na modernidade, no século XVI, a infância começa a se constituir quando as crianças são separadas do mundo dos adultos, quando surgem as escolas e quando são separadas do mundo do trabalho (Sousa, 2012). A infância na modernidade é vista sob a ótica da inocência e ingenuidade e o adulto como aquele que é dotado de razão. A ideia de que as crianças são apenas reprodutoras já foi eliminada a muito tempo (Castro, 2001).

O século XXI traz muitas transformações para a humanidade e nesse âmbito as crianças e a imagem destas não se mantêm a mesma, sofrendo sensíveis

mudanças (Postman, 1999). Atualmente se diz que a infância morreu, pois as mudanças ocorridas são grandes, porém devemos nos perguntar porque, como, quem ou de quem foi a culpa da morte da infância. As crianças também participam das transformações sociais, um exemplo seria a questão da divisão do mundo do trabalho, onde as crianças ficariam com trabalho escolar que tem função de consolidar as práticas e saberes do mundo do trabalho em geral (Castro, 2002).

Postman (1999) propõe que a infância está desaparecendo, e relata que um dos fatores está relacionado ao desaparecimento da criança da televisão, uma vez que quando estão presentes são mostradas como adultos em miniatura, não se diferenciando significativamente dos adultos em seus interesses, roupas ou sexualidade, igual as pinturas do século XIII e XIV. O vestuário também é um elemento que sofreu sensível diferença, de modo que tanto adultos quanto crianças acabam usando o mesmo estilo de roupa. Assim, conforme o conceito de infância vai declinando os indicadores simbólicos também diminuem.

De acordo com Posman (1999) as brincadeiras e jogos também são fatores de interferência dos adultos, sendo que as crianças disputam torneios internacionais cada vez mais cedo, bem como têm suas brincadeiras e jogos modificados se assemelhando ao mundo dos adultos.

O que temos aqui é o surgimento da idéia de que não se deve brincar só por brincar, mas brincar com algum propósito externo, como renome, dinheiro, condicionamento físico, ascensão social, orgulho nacional. Para adultos, brincar é coisa séria. À medida que a infância desaparece, desaparece também a concepção infantil de brincar (Postman, 1999, p. 145).

Os gostos por programas de televisão também são praticamente os mesmos das crianças e dos adultos, bem como os alimentos, a roupa, os jogos de entretenimento caminham para uma homogeneidade de estilo e de linguagem. Ainda pode ser mencionada a questão da criminalidade e da sexualidade onde se pode perceber a diminuição das fronteiras entre adultos e crianças que apresentam comportamentos cada vez mais parecidos, tem tratamentos igualitários e são vistos de forma parecida (Postman, 1999).

Castro (1998) propõe que a infância atualmente tem várias faces que estão ligadas a sua vida escolar, familiar, as suas atividades de socialização e brincadeiras e uma face que tem se feito presente hoje em dia que é de consumidora. Desse modo, hoje se torna presente o sentimento de que a infância, bem como a

adolescência, escapam às formulações teóricas, tais como a psicologia e a educação que têm embasado as práticas de cuidado, orientação e educação. Além disso, atualmente nem sempre conseguem dar conta das variedades da nossa época contemporânea, época esta marcada por novos aspectos como o consumo em massa, viver em uma grande cidade, expansão da comunicação, tecnificação, informatização. As crianças passam a circular em espaços diferenciados, possibilitando novas sociabilidades, vão ficando cada vez mais restritas a lugares fechados com os amigos e com alguns adultos. Conseqüentemente as brincadeiras ganham novos contornos, sendo que a atividade mais presente se torna assistir televisão, assim as crianças vão sendo pedagogizadas pela mídia e pelo consumo.

Os dois autores mencionados, Postman e Castro apresentam ideias diferentes acerca da brincadeira para a criança, enquanto para Postman (1999) a concepção infantil de brincar está desaparecendo para Castro (1998) as brincadeiras só estão se modificando ao longo do tempo. Desse modo, podemos perceber que a brincadeira ainda é uma característica presente no mundo da criança e que assim como a infância também sofre alterações com as mudanças da pós-modernidade, sendo portanto, objeto de diferentes concepções teóricas.

Frente a todas as mudanças que têm ocorrido no cenário social, a infância vem sofrendo alterações de modo que as crianças já não apresentam os mesmos comportamentos e, por isso, já não são vistas como antes. É apontado por muitos autores que se dedicam a estudar a infância que as crianças têm cada vez mais se tornado consumidoras, o que tem levado as indústrias a criar produtos voltados exclusivamente para crianças, ficando a cargo da mídia trabalhar estimulando o desejo destas pelo consumo deste objetos.

Momo e Costa (2010) estudaram essa interface entre consumo e infância e discutem a questão da grande oferta de produtos para as crianças que têm vivido o tempo desses objetos, objetos estes que se caracterizam por serem artefatos culturais que operam sobre as subjetividades. No caso da infância esses artefatos se caracterizam por serem ícones infantis de rápida transitoriedade, efemeridade e instantaneidade, o que acaba compondo a vida das crianças. Portar determinados artefatos que têm repercussão na escala global, mas que são temporários, faz com que as crianças sejam visíveis, valorizadas e credenciadas em seu universo de modo que é importante parecer ter. Em um mundo capitalista onde o ter é o mais importante as crianças acabam entrando nessa lógica.

...as mudanças operadas no bojo do sistema capitalista, que introduziram uma diacronicidade crescente entre produção e consumo, e uma preponderância dos valores de troca sobre os valores de uso, alavanca-se a dimensão do consumo nas sociedades capitalistas modernas, e com isso, o papel do consumidor. A infância passa, então, a se situar numa nova efetividade social, enquanto consumidor. A lógica do consumo traz visibilidade para a infância na dinâmica social como um parceiro ativo não somente no tocante ao direcionamento do que se produz, como também no re-ordenamento de questões sobre a infância (Castro, 2013, s/p).

A cultura infantil é fundamentada por adultos que tem estratégias de prazer e do livre mercado. As grandes e pequenas corporações quando "conjugadas à mídia, tanto mercantilizam a cultura infantil e popular como a instituem . Produzem uma cultura que promove práticas, modos de ser e de agir, visando, entre outras coisas, à formação de consumidores infantis ." (Momo, 2007, p. 119). O patrimônio cultural infanto- juvenil é aquilo que se torna mais lucrativo. As crianças também passaram a ser considerada como um seguimento do mercado com produtos específicos para elas. Desse modo, podemos pensar que as crianças de alguma forma têm poder e muitas vezes sabem mais do que os adultos e tem influência na hora de comprar um produto (Momo, 2007).

E é nesse mundo do consumo que as crianças se inserem, um mundo marcado por um ambiente líquido imprevisível e de fluxo rápido conforme proposto por Bauman (2005). Contudo, ao mesmo tempo esse ambiente privilegia os que podem viajar com velocidade, pois as novas circunstâncias exigem um movimento rápido e um recomeço do zero, assim os compromissos de longo prazo, bem como os laços difíceis de romper podem se tornar um peso. Desse modo, as crianças são inseridas, aprendendo com os adultos como agir. Oliveira (2012) acrescenta que a criança não é só um vir a ser, mas partícipe da história. Ao se pensar a criança temos uma ambigüidade pois ela pode ser vista como um ser ativo ou como passivo. Conforme os parâmetros consumistas as crianças não são vistas como seres puros e inocentes e sim como ativos e que interferem no seu meio e já nascem rodeadas por um mundo da mercadoria e do consumo.

A cultura de consumo acredita que a atual geração teve muitos sonhos mas não realizaram seus desejos e transferem para os filhos a obrigação de realizarem estes desejos. Ainda é necessário considerar que a lógica do consumo hoje valoriza as pessoas pelo seu poder de consumir. Nessa lógica a mídia invade o nosso cotidiano e a criança fica exposta a um modo de se comportar e pensar de acordo com o consumo. Há então, uma padronização de gostos e também um processo de

personalização de modo que as pessoas se organizam em torno de modelos postos pela sociedade de consumo. Essa ação vem do exterior e é permeada por imagens apresentadas a adultos e crianças que acabam se seduzindo por elas e é nesse contexto que o pensamento das crianças é conformado. A sedução é minuciosa, se apresenta de forma sutil e provoca influências no pensamento das crianças (Oliveira, 2012).

Vivemos agora em uma sociedade de consumidores que tem como hábitat o mercado e no caso dos futuros consumidores suas virtudes estão centradas no fascínio da mercadoria e no impulso de comprar. A sociedade de consumidores focaliza seu processamento da infância no gerenciamento do espírito, sugestionando-as ao consumo. Na sociedade de consumo as mercadorias são apresentadas às crianças estimulando-as ao consumo de objetos, de modo que até seus pais muitas vezes perguntam a opinião das crianças para comprarem algum produto. Tal fato fez com que o mercado infantil expandisse enormemente (Bauman 2005). Dornelles (2005) expõe que:

Atualmente, também são produzidos além dos espaços de *shopping* novos redutos de consumo e lazer para os infantis como os parques temáticos, os resorts, os *clips* de músicas e filmes e, também, a todo momento se reorganizam os museus, a mídia (revistas, tv, cinema, jornais...), as lojas de departamento, os estádios esportivos, etc., para atender a este consumidor infantil. Nestes espaços se fabricam o prazer, os desejos, as emoções, as descobertas e as perturbações da infância pós-moderna. Estes mesmos espaços exigem de seus consumidores determinados modos de se comportar, vestir, utilizar materiais e viver as práticas contemporâneas infantis. Ou seja, se inventam novas formas de disciplinamento não só sobre o corpo das crianças, mas também sobre os seus desejos, que precisam ser regulados e normatizados para estarem conformes ao grupo ou ao espaço freqüentado, nos quais é imperativo consumir determinados produtos veiculados pela publicidade (Dornelles, 2005, p. 86).

As mudanças na infância apontadas por Dornelles (2005) já demonstra que as relações estabelecidas pelas crianças seja com os espaços, com os objetos e com as pessoas na contemporaneidade apresentam alterações sensíveis e que precisam ser melhor estudadas.

É importante destacar que as pesquisas sobre a infância na pós-modernidade têm como foco questões relacionadas ao consumismo e a influência das mídias e tecnologias na infância, não são realizados muitos estudos referentes ao individualismo. Porém, como aponta Lipovetsky (2005) em uma sociedade de consumo que tem cada vez mais opções de escolha, o individualismo se faz presente. Faz-se necessário então, investigar a questão do individualismo voltada

para a infância, uma vez que elas se encontram sujeitas aos imperativos do consumo, o que altera sua constituição enquanto um sujeito social. Além disso, podemos destacar que atualmente o processo de socialização das crianças tem sofrido transformações, pois as relações familiares, nas quais ocorre a socialização primária, tem modificado devido a entrada da mulher no mercado de trabalho, além da importância que hoje é dada as mídias de massa e as novas tecnologias. Mesmo as mídias não substituindo as intersubjetividades, a criatividade e autonomia das crianças, elas fornecem imagens, símbolos, valores que são apropriados e elaborados pelas crianças criando novas culturas de pares, o que contribui para a reprodução da cultura das sociedades (Belloni, 2007), ou seja, reproduzindo relações pautadas no individualismo e consumismo.

É inegável a influência que a mídia exerce na produção das subjetividades, dos desejos e dos comportamentos dos sujeitos, pautando o que é ou não aceito socialmente. Essas mensagens têm repercussão nas escolhas e nos modos de vida alterando as relações que os sujeitos estabelecem com a cultura, com os objetos e com seus semelhantes. Tais mudanças apontadas têm chegado à infância causando modificações no modo das crianças interagirem com o mundo ao seu redor. As crianças estão cada vez mais expostas a ações propagandísticas, pois com "...os meios massivos, a infância, a cultura infantil e a educação dos pequenos adquiriram outro prisma e representatividade, com nova rotina e novos modos de brincar que interferem na formação das crianças." (Oliveira, 2012, p. 7).

Castro (2001) propõe acerca dessas alterações que as crianças assim como os adultos têm agora uma nova circulação na cidade e uma nova subjetividade. A nova circulação que se instaura na sociedade contemporânea ajuda a pensar a infância como um novo ator, um elemento da cadeia geracional que se insere e participa da construção coletiva do mundo. "A circulação e a presença da criança na cidade, ainda que transiente, coloca esta criança e este jovem frente à pluralidade indisfarçável da vida coletiva que conduz, hoje de forma contundente, ao problema das diferenças e das desigualdades sociais." (Castro, 2001, s/p).

Portanto, é possível considerar que a socialização das crianças, bem como seus comportamentos, brincadeiras, interações estão modificadas não se apresentando mais do mesmo modo que na modernidade. Assim sendo, as crianças, bem como os adultos têm vivido formas de se relacionar, com os outros e

com os espaços, de forma diferente na pós-modernidade, pois com o consumismo se fazendo presente as relações sociais têm sofrido alterações.

2.3 A prática docente com a infância pós-moderna

Ao falar em infância que vai a escola nos tempos pós-modernos é preciso pensar em como essa instituição se organiza e lida com as mudanças que se lhe apresentam cotidianamente. A escola é uma instituição que surge na modernidade e que enfrenta o desafio de adentrar a pós-modernidade e lidar com as questões pertinentes as mudanças que essa nova fase histórica traz.

As transformações ocorridas no mundo contemporâneo como a globalização do mercado, revolução na comunicação, transformação nos meios de produção e alteração de valores e atitudes faz com que a educação tenha que se reformular (Libâneo, 1997). Os avanços tecnológicos, a globalização que provoca mudanças nos modos de produção e nas relações, as mazelas sociais, como violência e a desigualdade social trazem novos desafios a escola e ao papel que esta desempenha na formação humana. A escola enfrenta novos paradigmas tendo que se comprometer com as crianças que estão se constituindo enquanto sujeitos singulares que são resultantes de relações multiculturais do seu meio, das suas convivências e das experiências que têm acesso (Cohén & Figueiredo, 2012). O que ocorre é que tais mudanças constituintes do tecido social provocam alterações no campo da educação, que podem gerar crises na organização escolar e nas relações estabelecidas entre os membros partícipes desse espaço.

A crise presente na escola hoje está mais ligada ao descompasso entre as práticas escolares e as rápidas modificações espaciais e temporais. Veiga-Neto (2003, p. 109) aponta a necessidade de "pensar a educação escolarizada como um conjunto de práticas indissolúvelmente ligadas às demais práticas sociais, de modo que pensar qualquer mudança no âmbito da escola implica pensar como as coisas estão se passando no âmbito da sociedade." Ainda podemos acrescentar o que Martins e Castro (2011, p. 632) propõem:

...as instituições educativas tampouco podem se afastar do funcionamento contemporâneo e dos assuntos cotidianos como se isso não fizesse parte do mundo em que vivemos sob pena de os conhecimentos gerados não fazerem sentido para aqueles que fazem parte delas . A escola perde seu sentido , tanto quando se constrói totalmente como mais um objeto de satisfação, quanto quando se afasta completamente da realidade cotidiana de seus alunos. O caminho talvez seja se aproximar , sem ficar à mercê, e isso só seria possível com uma proposta de reflexão e de crítica permanentes.

É importante considerar que a escola não está aí para dar respostas para o mundo, não existe uma separação entre o mundo e a escola, existe sim uma escola que está implicada com o mundo no sentido mais profundo até do que é este mundo. A escola não deve só usar tecnologia como recurso didático, tal redução revela um apego ao que consideram como velha e boa escola moderna, nesse pensamento as novas tecnologias são pensadas como recursos incorporados as práticas pedagógicas (Veiga-Neto, 2003).

Frente as ideias expostas pelos diferentes autores, que discutem acerca da aproximação da escola com as questões da sociedade contemporânea, é preciso discutir como essa sociedade se estrutura. Gadotti (2000) aponta que atualmente vivemos na sociedade da informação mesmo que todos não tenham acesso a ela, de modo que a informação está se tornando uma dimensão de tudo. Todavia pode-se dizer que o que se tem é a difusão de informações e não de conhecimentos e isto está sendo possível graças as novas tecnologias. "As novas tecnologias criaram novos espaços do conhecimento." (Gadotti, 2000, p. 7).

Assim vários espaços se tornam espaços de conhecimento que são fortalecidos pelas novas tecnologias e inovando novas metodologias. O ciberespaço incluído nessa nova sociedade se torna um espaço de educação onde a aprendizagem pode ocorrer no aqui e agora em qualquer lugar e tempo. Na sociedade da informação a escola deve funcionar como orientadora crítica na busca de informações que façam com que as crianças cresçam e não embruteçam. Nessa mesma sociedade há múltiplas possibilidades de aprendizagem e as consequências para a escola e para a educação são grandes, pois elas têm que ensinar a pensar, saber pesquisar e comunicar, ter raciocínio lógico, fazer sínteses e elaborações teóricas, entre outros (Gadotti, 2000).

Deve haver uma mudança no que diz respeito as instituições educativas, pensando na sua importância para a transformação social é preciso considerar que a formação oferecida às crianças e jovens deve possibilitar que eles se tornem sujeitos ativos e críticos. E nesse sentido pensar no lugar que os professores

ocupam nas interações que estabelecem no âmbito escolar é um importante elemento para entender como a escola se relaciona com as questões da sociedade atual. Viegas e Osório (2007) destacam sobre isso que os professores também dão significado as interações que estabelecem no contexto escolar que podem levar a aprofundar seus conhecimentos, repensar sua profissão e a relação com os outros indivíduos. Para isso precisamos nos ater com mais acuidade ao trabalho, a formação dos professores, bem como a concepção que eles têm da sua profissão e dos seus alunos diante das mudanças na pós-modernidade.

Logo, necessário se faz discutir sobre a concepção que norteia as práticas dos professores com a infância na pós-modernidade, para melhor entender como a educação se constitui nos dias atuais.

Quando se discute assuntos referentes a educação sempre faz-se referência à relação de ensino e aprendizagem, o que remete a questões relacionadas ao papel de quem aprende e de quem ensina. É importante considerar que esta relação não se apresenta de modo estático, pois sofre interferências biológicas, culturais, sociais, econômicas e históricas e biológicas, de modo que é preciso estudá-la a todo tempo e levando em consideração estas contingências.

Nesse contexto Sacristán (1995) aponta que para contextualizar a prática docente é preciso considerar a base social implícita a essa profissão.

O ensino é uma prática social, não só porque se concretiza na interação entre professores e alunos, mas também porque esses actores reflectem a cultura e contextos sociais a que pertencem. A intervenção pedagógica do professor é influenciada pelo modo como pensa e como age nas diversas facetas da sua vida (Sacristán, 1995, p. 66).

Desse modo Sacristán (1995) ainda acrescenta que ensinar é possibilitar um contato com a cultura e nesse processo a experiência cultural do professor é determinante, deve-se pensar uma formação que tenha incidência maior nos aspectos técnicos e que leve em conta as dimensões pessoais e culturais dos professores.

Tendo como foco o caráter interativo do trabalho docente Tardif, Lessard e Kreuch (2008) realizaram uma extensa pesquisa para analisar como o trabalho docente pode ser caracterizado pelo viés da interação. Os autores relatam que as crianças e os jovens mudaram muito e por isso, os professores precisam lidar com alunos que chegam às escolas com uma grande diversidade cultural e que têm acesso a diferentes conhecimentos. Desse modo eles precisam lidar de forma

diferenciada com o conhecimento sendo um mediador do conhecimento entre muitos outros.

As práticas educativas ainda apresentam um caráter antropológico pois geraram uma cultura com base em costumes, crenças, valores e atitudes, apresenta também um caráter histórico que não parte de um conhecimento prévio mas sim gera cultura intelectual. Assim sendo, realçar a existência de uma cultura sobre o pedagógico é importante para entender que toda a cultura que rodeia a prática educativa constitui uma competência distribuída socialmente (Sacristán, 1995).

Daí a importância profissional da origem social dos professores, que fazem parte de um mundo cultural onde existem múltiplas referências aos conteúdos e aos métodos de educação. A profissão docente é socialmente partilhada, o que explica sua dimensão conflituosa numa sociedade complexa na qual os significados divergem entre grupos sociais, económicos e culturais. A escola apresenta-se muitas vezes como uma instituição obsoleta aos olhos de agentes e forças culturais que necessitam de uma *outra educação* e que, portanto, tendem a pôr em causa a legitimidade dos professores, contribuindo para a sua desprofissionalização. Por isso, toda a mudança educativa deve assumir-se, em primeiro lugar, como uma mudança cultural (Sacristán, 1995, p. 71).

Os professores atualmente sofrem com questões que promovem a relação da sua formação com a sua prática, são pouco capacitados para as questões tecnológicas e para as exigências do mundo pós-moderno, soma-se a isso a precariedade do trabalho e o fato destes serem difusores da cultura e ao mesmo tempo consumidores acríticos desta. Deve-se considerar também questões referentes a gestão da educação que tem repercussão no trabalho dos professores e nas questões pedagógicas vivenciadas dentro da escola (Libâneo, 1997). Diante desse contexto podemos nos perguntar:

O que é ser professor hoje? Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo, conviver, é ter consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores, assim como não se pode pensar num futuro sem poetas e filósofos. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marketeiros, eles são os verdadeiros “amantes da sabedoria”, os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber (não o dado, a informação e o puro conhecimento), porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mas produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis (Gadotti, 2000, p. 9).

No que se refere aos problemas enfrentados pelos professores na atualidade Esteve (1995) elenca vários fatores responsáveis pela mudança da educação que tem impacto no trabalho do professor. Inicia dizendo que é exigido do professor muitas atividades em sala de aula que não foram contempladas na sua formação,

assim, estes lidam com uma realidade e com uma exigência de tarefas que ultrapassa as suas competências. Somado a isso ainda há uma inibição educativa de outros agentes de socialização, como por exemplo, a família que tem sofrido muitas mudanças. Propõe que o professor deve buscar desenvolver e integrar novas fontes de informação alternativas à escola para serem utilizadas no processo de aprendizagem. As mudanças curriculares também podem ser sentidas pelos professores, pois as mudanças nos conteúdos, em alguns casos, implicam em ter que abandonar alguns conhecimentos tradicionalmente transmitidos. Tais mudanças podem gerar nos professores insegurança e desconfiança, e por isso, é preciso garantir a compreensão adequada dos objetivos e da reforma curricular.

O autor supracitado ainda aponta que o professor tem que lidar com diferentes concepções sobre a educação e o papel do professor, tendo muitas vezes, que fazer opções sobre que posição adotar em sala de aula. Esse profissional ainda enfrenta em seu exercício contradições que o obriga a vivenciar ao mesmo tempo o papel de companheiro, de apoio, de amigo, o que se apresenta incompatível com a função seletiva e avaliadora que também fazem parte da sua prática. Diante das suas condições de trabalho os professores enfrentam problemas como a escassez de recursos que constituem entraves às práticas inovadoras. As relações entre professores e alunos também sofreram mudanças, sendo que estes vivenciam agora relações mais conflituosas. O trabalho do professor se apresenta de modo fragmentado devido as grandes exigências que recebem, esta fragmentação acaba se apresentando como um dos elementos do problema da qualidade no sistema de ensino.

A profissão docente se vê em um lugar onde recai diferentes discursos que pouco se preocupam em analisar de perto as contingências do trabalho dos professores, e portanto, na sociedade atual não se tem discursos coerentes sobre a profissão docente. Por um lado os professores são olhados com desconfiança como profissionais medíocres, por outro lado são vistos como elementos essenciais para a melhoria do ensino. Há uma grande difusão de discursos sobre a prática docente, pois a "...profissionalização dos professores está dependente da possibilidade de construir um saber pedagógico que não seja puramente instrumental . Por isso , é natural que os momentos-fortes de produção de um discurso científico em educação sejam, também, momentos-fortes de afirmação profissional dos professores ." (Nóvoa, 1999, p. 6). E são esses discursos e as mudanças operadas neles que

estarão no bojo das práticas docentes e que muitas vezes nortearão a prática dos professores.

Esteve (1995) ainda auxilia no entendimento de como as mudanças no campo da educação têm refletido no trabalho docente. Ele aponta que as expectativas em relação a educação têm sofrido alterações, de modo que a evolução no contexto social fez mudar o significado das instituições escolares. E, portanto, a adaptação dos professores e alunos acaba mudando as expectativas em relação ao sistema de ensino. Com estas mudanças nas expectativas a sociedade passa a não mais apoiar a ideia de educação como promessa para um futuro melhor. De tal modo, desde os políticos com responsabilidades educativas, até os pais de alunos parecem ter chegado a conclusão simplista que os professores são os culpados pela deficiência e degradação do sistema educativo que foi transformado pela mudança social. Com isso há uma menor valorização do professor e cada vez menos pessoas procuram se dedicar a docência.

É importante lembrar que os professores estão inseridos no ambiente escolar e é necessário entender que as mudanças ocorridas nesse ambiente repercutem no trabalho destes profissionais. Nesse sentido Charlot (2008) aponta que as mudanças ocorridas na escola nos anos 80 e 90 estão mais atreladas ao neoliberalismo o que provoca a exigência de uma eficácia na ação e na produção. Tais exigências levam a considerar o fim do ensino médio como nível desejável de formação buscando-se a formação superior. O neoliberalismo, como característica da sociedade atual, impõe a lei do mercado como melhor meio de alcançar a eficácia e qualidade, aumentando-se as privatizações e reduzindo o estado, bem como desenvolvendo novas tecnologias da informação e comunicação. Essas transformações serão responsáveis por trazer consequências para a profissão docente, permitindo ao professor um maior exercício de autonomia, mas por outro lado tornando-o responsável pelo fracasso dos alunos. Desse modo, para que esta contradição possa ser resolvida o professor deve adaptar o problema ao seu contexto e elaborar projetos políticos pedagógicos levando em conta diversos aspectos dos alunos, como por exemplo, aspectos culturais e financeiros. Nesse ínterim é importante considerar que:

...os adultos que fazem parte da vida social de crianças têm o papel fundamental de mediar essas leituras mais amplas, incentivando-as e preparando-as para a compreensão crítica da realidade. Consideramos o papel da escola na infância e a prática mediadora do professor de

educação infantil como possíveis alternativas na formação do pensamento infantil e que resultem em ações de superação da lógica de padronização e governo via a cultura consumista (Oliveira, 2012, p. 13).

Frente a isso é preciso considerar no trabalho dos professores com as crianças a questão da cooperação se mostra como um método melhor para o desenvolvimento intelectual e moral da criança e, para tanto, o adulto deve ser um colaborador. Desse modo, as interações se fazem importantes para o desenvolvimento da criança, uma vez que elas vivenciam momentos de cooperação na construção dos conhecimentos e na realização das atividades. O método de trabalho em grupo utilizado com as crianças possibilita a cooperação, que por sua vez contribui para o progresso intelectual. “Isso significa que a vida social é necessária para permitir ao indivíduo tomar consciência do funcionamento do espírito e para transformar, assim, em normas propriamente ditas, os simples equilíbrios funcionais imanentes a toda atividade mental ou mesmo vital.” (Piaget, 1994, p. 297). O papel do professor se apresenta como um elemento importante na relação de ensino e aprendizagem e na mediação dos conhecimentos passados para o aluno. Este profissional precisa estar atento as mudanças ocorridas no âmbito social e principalmente com os sujeitos do aprendizado para que possa ser cuidadoso com a sua prática cotidiana.

As mudanças que se operam no mundo das crianças possibilitam entender como será o trabalho docente. Charlot (2008) propõe que o acesso fácil as tecnologias e principalmente a internet faz com que os alunos vejam os professores sob um ângulo diferenciado e os professores por sua vez, que recebem essas novas tecnologias na escola, dizem não ter formação para usa-las. Somado a isso, os professores sofrem os efeitos de uma sociedade capitalista contemporânea se deparando com vários tipos alunos que têm modos de pensar e comportamentos cada vez mais afeitos a nova sociedade contemporânea, na qual o que impera é o consumismo, a rapidez das informações e o individualismo.

Atualmente muito se fala sobre a educação como meio de transformação social. Mas para se ter este tipo de transformação necessário se faz ter um perfil de homem participativo e para que este indivíduo seja observado é preciso refletir sobre a educação e o modelo de escola neste processo de mudança (Viegas & Osório, 2007). Portanto, se faz importante entender e estudar como os professores concebem as crianças para que possamos refletir sobre a forma como estas são

socializadas. As escolas precisam “de trabalhadores cada vez mais reflexivos , criativos, responsáveis, autônomos – e, também, de consumidores cada vez mais informados e críticos.” (Charlot, 2008, p. 21).

Nesse mesmo sentido de acordo com Charlot (2008), as escolas apresentadas como modelo de sucesso são aquelas com professores que promovem inovações. Ao silenciar o professor normal o que acontece são estratégias de sobrevivência e este não se oporá às mudanças, mas sim reinterpretará essas mudanças de acordo com as suas estratégias de sobrevivência. A questão da aprendizagem nesse contexto acaba sendo apontada sobre duas vertentes ou o aluno não aprende porque é burro ou da professora que não sabe ensinar. Nessa conjuntura gera-se uma tensão que pode passar a se configurar como um conflito entre professor e aluno, uma vez que o que está em jogo não são só questões pedagógicas mas também pessoais.

Ainda cabe ressaltar de acordo com Charlot (2008) que na sociedade contemporânea estar bem na escola reflete no futuro profissional, de modo que cai sobre o professor a responsabilidade pelas más notas dos seus alunos. Os professores tradicionais sempre se dizem construtivistas, pois assim são valorizados. O que ocorre é que mesmo os professores querendo ser construtivistas muitas vezes são pressionados pela própria escola que segue o modelo tradicionalista, criando empecilhos para que o professor possa desenvolver um trabalho inovador. O professor rotulado como tradicional é aquele que privilegia a disciplina, o respeito, a polidez lhe dando a fama de severo. Contudo, desprezar essa postura pedagógica é paradoxal pois na sociedade contemporânea esses pontos são cobrados da escola. "Não seria este o problema fundamental enfrentado por muitas professoras, na sala de aula contemporânea: disciplinar e estruturar crianças que vivem na cultura do prazer imediato e já não agüentam qualquer frustração?" (Charlot, 2008, p. 24).

Necessário se faz que educação faça frente contra a barbárie, criar uma educação que busque o reconhecimento do outro e de suas diferenças, além de possibilitar às crianças experiência crítica. É preciso desse modo, criar experiências de educação e socialização que proporcione práticas solidárias entre crianças, jovens e adultos, ações coletivas e de sentimento de pertencimento (Kramer, 2003).

A escola deve ser universalista porque a educabilidade é um direito de todo ser humano e porque deve divulgar os saberes universais. Contudo o professor não

deve primar somente pelo universal deve também ensinar às crianças respeitarem as diferenças culturais, o professor deve também respeitar as diferenças e individualizar o ensino (Charlot, 2008). Portanto, devemos estar atentos a essas mudanças para que possamos ter uma educação que leve em consideração as especificidades das crianças, pois

As professoras estão preparadas para educar a infância no século XIX – ingênua, dependente dos adultos, imatura e necessitada de proteção – enquanto suas salas de aula estão repletas de crianças do século XXI – cada vez mais independentes, desconcertantes, erotizadas, acostumadas com a instabilidade, a incerteza, e a insegurança (Costa citado por Momo, 2007, p.118).

É necessário então, para uma educação básica de qualidade, que a escola e os professores primem por um trabalho que busque uma formação geral e uma preparação tecnológica; forme cidadãos críticos comprometidos com a justiça e mudança social; prepare os alunos para a participação social, desenvolvendo em seus alunos competências ligadas a tomada de decisões, de iniciativa, liderança; e formação ética, de alunos que sejam capazes de dialogar e consenso baseado na razão crítica, de pensar-se em relação aos outros de estabelecer relações com objetos e pessoas, desenvolver autonomia e indivíduos que reconheçam as regras e normas sociais (Libâneo, 1997).

Ademais, a concepção dos professores sobre o individualismo e consumismo na infância permite entender um pouco mais sobre as possibilidades de se viabilizar uma formação que tenha como intuito que os sujeitos se tornem mais críticos e ativos frente a sociedade.

E é por isso que se faz relevante realizar estudos que tenham como objetivo investigar a concepção dos professores sobre a sua prática frente ao consumismo e individualismo na infância pós-moderna. Para isso se faz imprescindível escutar os docentes no que diz respeito ao seu cotidiano de trabalho com as crianças, elucidando cada vez mais o campo das práticas educativas. Posto isso, estes questionamentos sobre a prática docente foram norteadores para o entendimento e análise acerca da concepção da prática educativa com a infância pós-moderna.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para que os objetivos propostos neste trabalho fossem alcançados foi realizada uma pesquisa de base qualitativa com busca de dados teóricos e empíricos, no intuito de entender qual a concepção dos professores do Ensino Fundamental tem acerca do individualismo e do consumismo na infância pós-moderna, aprofundando no universo de significados subjacentes a concepção destes professores.

Os participantes da pesquisa foram professoras que lecionam para alunos do Ensino Fundamental de Belo Horizonte. Primeiramente a proposta da pesquisa foi apresentada a direção da escola que aprovou e indicou a coordenação do Ensino Fundamental para a proposta ser apresentada às professoras. Tal apresentação se deu na reunião pedagógica, sendo exposto às professoras o objetivo da pesquisa e o convite para a participação. A partir da apresentação algumas professoras se ofereceram para a realização das entrevistas e outras foram convidadas. As entrevistas aconteceram em três dias com as professoras que se dispuseram a participar da pesquisa e foram realizadas na própria escola. Dessa forma, foi utilizado como instrumento de coleta de dados, a entrevista semi estruturada, com um roteiro de perguntas previamente elaboradas.

A entrevista semi estruturada se fez importante como método de investigação, pois possibilita um maior detalhamento acerca das vivências dos sujeitos ao privilegiar a sua fala, permitindo desse modo, conhecer como estes percebem o mundo, uma vez que é através do seu discurso que se torna acessível a compreensão da realidade humana (Fraser & Gondim, 2004). Assim, acredita-se que houve uma melhor compreensão dos diversos fatores que estão associados à concepção dos professores acerca da sua prática frente ao consumismo e ao individualismo na infância pós-moderna.

A entrevista abordou questões referentes a concepção das professoras acerca do consumismo e do individualismo na infância pós-moderna e como elas pensavam sua prática frente a essa infância. A duração das entrevistas variou entre 20 e 50 minutos. Os dados foram registrados através de gravações de áudio, autorizadas previamente pelos participantes. Posteriormente foram transcritas e analisadas por meio da análise de conteúdo.

Por se tratar de uma pesquisa realizada com seres humanos, foram utilizados os preceitos éticos previstos na Resolução CNS 196/96 (Conselho Nacional de Saúde, 2010). Para tal foi utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi apresentado às professoras participantes. Todas as entrevistas foram transcritas e transformadas em documentos para a análise.

Os dados coletados nas entrevistas foram submetidos à análise de conteúdo (Bardin, 2004), pois esta análise possibilita identificar unidades comuns de associações de ideias ligadas ao tema pesquisado. A análise de conteúdo se apresenta como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2004, p. 33). Contudo, a própria autora afirma que essa conceituação não preenche toda a dimensão analítica dessa perspectiva, pois ela abarca fatores que vão além da mera codificação das mensagens.

Em capítulo específico sobre a análise de entrevista, presente em edição revista e ampliada, Bardin (2011) oferece elementos que parecem contribuir para o enriquecimento da análise, são eles: a divisão do texto em temas principais, ao que denominou análise temática; a identificação de significados associados ao tema central; a análise sequencial da entrevista levando em consideração critérios semânticos e estilísticos; a análise das oposições; a análise da enunciação, identificação do sentido, significações, presente em palavras, expressões e fins de frase; identificação do cerne da entrevista e; identificação da estrutura base que compõe a entrevista. Com esses elementos é possível notar que a análise se propõe a ir além da simples descrição e tabulação dos temas mais acentuados no texto.

Após a realização e a transcrição das entrevistas foi feita uma primeira escuta cuidadosa da gravação e uma leitura prévia do material transcrito das entrevistas para a análise. Foram realizadas quatro entrevistas com as professoras da escola. Tal procedimento se fez por meio de uma pré-análise que teve o objetivo de organizar o material, conforme proposto por Bardin (2004).

Na codificação do material foi utilizado como unidade de registro o tema, visto ser esta unidade a mais adequada para estudar motivações de opiniões, bem como foi utilizada para a análise de respostas a questões abertas, de entrevistas, fatores estes que mais atendem aos objetivos desta pesquisa. A análise de conteúdo ainda permite reconstruir indicadores de valores, atitudes, preconceitos e estereótipos para então poder compara-los entre comunidades. Pode ainda reconstruir o

conhecimento produzido pelos sujeitos formulando redes de unidades de análise para representar o conhecimento em suas relações (Bauer; Gaskell, 2002. p. 191).

Os temas surgidos nas respostas dadas pelas professoras se referem a infância do seu tempo, infância vivenciada por elas, e nos dias atuais, reforçando deste modo as mudanças na infância e entre estas, o individualismo e o consumismo. Há ainda menção a escola e sua organização e as relações que as crianças estabelecem com a instituição de ensino. Dentro do âmbito escolar elas ainda fazem referência à prática docente e apresentam também as suas experiências em uma perspectiva histórica se remetendo ao início da sua prática e aos dias atuais. E por fim, o que se fez relevante como tema que aparece nas entrevistas foi a brincadeira e as relações familiares como fatores de mudança na infância atual.

Frente aos temas surgidos foi realizada também a categorização das unidades de registro, chegando a quatro categorias de análise, condensando assim os dados brutos obtidos no material analisado (Bardin 2004).

A partir da categorização chegou-se a quatro categorias de análise que expressaram os temas surgidos nas entrevistas, são elas: infância na concepção de professores; concepção dos professores sobre a prática docente com a infância de hoje; individualismo e consumismo na infância; e a família e a brincadeira. Tais categorias foram apresentadas e descritas no capítulo seguinte, além disso foram elucidadas com as falas das professoras referente ao assunto tratado em tal categoria. Após a análise foi possível discutir os dados obtidos com a perspectiva teórica estudada nesta pesquisa.

4 CONCEPÇÕES ACERCA DA PRÁTICA DOCENTE FRENTE AO INDIVIDUALISMO E CONSUMISMO NA INFÂNCIA: apresentação dos resultados

Os resultados da pesquisa, obtidos a partir da realização das entrevistas com as professoras, serão apresentados neste capítulo. Primeiramente será realizada uma descrição e uma contextualização do campo da pesquisa onde foram coletados os dados. A apresentação do campo tem como foco contextualizar a organização escolar, no que diz respeito aos conteúdos e as diferentes modalidades de ensino. Depois serão apresentados os dados e a apresentação dos sujeitos da pesquisa.

Os dados obtidos serão separados em categorias de análise, nas quais serão discutidos os temas referentes a cada categoria e as respostas dadas pelas professoras acerca do assunto discutido.

4.1 Pesquisa de campo

A pesquisa de campo foi realizada em uma Escola Municipal que atende alunos do Ensino Fundamental que está situada na região Nordeste de Belo Horizonte. Os alunos atendidos pela escola são em sua maioria dos bairros vizinhos onde esta está localizada. A escola atende cerca de 1000 alunos, divididos em três turnos. Os alunos que entram na escola geralmente são encaminhados das Unidades Municipais de Educação Infantil (UMEI), dando início ao Ensino Fundamental.

O Ensino Fundamental é composto do primeiro ao nono anos que estão divididos em três ciclos, sendo que tal divisão em ciclos se dá devido questões pedagógicas. O primeiro ciclo é composto do primeiro ao terceiro ano e fazem parte os alunos de 6 a 8 anos, tal ciclo tem como objetivo trabalhar a alfabetização dos alunos. O segundo ciclo é composto do quarto ao sexto anos e fazem parte os alunos de 9 a 11 anos, tal ciclo tem como objetivo trabalhar a questão do letramento. E por fim, o terceiro ciclo é composto do sétimo ao oitavo ano, tal ciclo tem como objetivo trabalhar as áreas de conhecimento específicas, como geografia, história,

matemática, português, entre outras. A faixa etária dos alunos regulares do Ensino Fundamental é de 6 a 14 anos que realizam do primeiro ao nono ano nos períodos matutino e vespertino. A escola também atende no período noturno os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da floração², tais modalidades de ensino são destinadas a alunos que tem uma defasagem de idade e série grandes e que não se encaixam mais no ensino regular. Além disso, está presente na escola o projeto Escola Integrada que atende os alunos no contra turno com atividades de informática, artes, esporte, oficinas, entre outras. A escola ainda oferece em seu espaço atividades esportivas para a comunidade escolar em horários de contra turno, bem como o projeto Escola aberta.

4.2 Sujeitos

Para a realização da pesquisa foram convidadas quatro professoras que lecionam para alunos do Ensino Fundamental. Tais professoras foram escolhidas para a realização das entrevistas semi-estruturadas seguindo somente o critério de ser professora que trabalha com Ensino Fundamental, no qual as crianças estão inseridas. As entrevistas foram realizadas na própria escola no turno vespertino. Abaixo foi elaborado um quadro que apresenta a organização dos sujeitos da pesquisa no que se refere a formação e ao tempo de profissão docente, bem como os alunos com quem já tiveram experiência.

² Floração é uma modalidade de ensino para jovens de 15 a 19 anos que se encontram e que se encontram em distorção de idade-ano, visando a conclusão do ensino fundamental (fonte: www.portalpbh.pbh.gov.br).

Quadro 1 – Formação e atuação das professoras entrevistadas

Sujeito	Idade	Turma com a qual trabalha	Faixa etária de alunos com quem já trabalhou	Tempo de profissão	Tempo de formação em nível superior	Formação
Professora 1	37	2º ano – crianças de 7 anos	Dos 5 aos 14 anos	17 anos	13 anos	Pedagogia com pós-graduação em alfabetização e letramento
Professora 2	46	2º ano – crianças de 7 anos	De 10 anos até a educação infantil	18 anos	11 anos	Formação em Magistério, pós-graduação em alfabetização e letramento, mas formação superior é psicologia.
Professora 3	25	1º ano - crianças de 6 ano	Dos 3 aos 11 anos	8 meses	---	Pedagogia atualmente faz pós.
Professora 4	51	1º ano - crianças de 6 ano	Do berçário aos 10 anos	27 anos	11 anos	Normal superior

As professoras que participaram da pesquisa têm entre 25 e 51 anos e têm entre 8 meses e 27 anos de profissão, essa grande variedade de experiências permitiu entender como se dá a prática docente com as crianças tendo uma ampla perspectiva quanto a atuação docente. A partir da vivência das professoras que têm muitos anos de profissão foi possível analisar a prática docente com a infância desde o momento que iniciaram até os dias atuais. Além disso, foi possível comparar a perspectiva dessas professoras com as professoras com menos experiência, comparando assim diferentes concepções da prática docente no trabalho com as crianças.

No que se refere a formação acadêmica, as professoras têm percursos acadêmicos bem diferenciados, sendo duas formadas em Pedagogia, uma em Normal Superior e uma em Psicologia, três delas tem pós-graduação voltada para a temática de alfabetização e letramento. A faixa etária dos alunos com quem elas já trabalharam também é abrangente, as entrevistadas já trabalharam com alunos do

berçário até alunos de 11 anos. Tal fato possibilitou a construção de uma visão mais abrangente do período da infância e das práticas docentes com esta infância. Entretanto, a faixa etária dos alunos que elas trabalham na escola pesquisada é de 6 e 7 anos.

A entrevista abordou questões referentes a concepção das professoras acerca do individualismo e consumismo na infância pós-moderna, bem como foram abordadas questões sobre a prática docente com a infância nos tempos pós-modernos. As questões formuladas versaram sobre o que as professoras entendiam por infância; como elas concebiam a infância nos dias atuais; o que pensavam acerca do individualismo e consumismo na infância; como elas concebiam a sua prática frente ao consumismo e individualismo na infância dos dias atuais e se no cotidiano de trabalho lidavam com questões que envolvem o consumismo e individualismo na infância e como lidavam com crianças que apresentam comportamentos individualistas e consumistas e se trabalhavam esses conteúdos com elas.

4.3 Entrevistas

A partir da análise das entrevistas foi possível chegar a quatro categorias que estão relacionadas aos dois temas centrais da pesquisa a prática docente diante do consumismo e o individualismo na infância pós-moderna. Tendo como foco as questões da entrevista, a delimitação dos temas foi realizada primeiramente separando-os pelas suas diferenças e posteriormente agrupando-os pelas suas semelhanças, definindo assim as categorias de análise. Com a definição das categorias, foram selecionadas falas que as representam para exemplificar os temas apresentados.

Cada categoria está apresentada separadamente, sendo primeiramente exposta uma explicação sobre o que foi identificado em todas as entrevistas e as explicações serão ilustradas com as falas das professoras.

4.3.1 Infância na concepção das professoras: ontem e hoje

A análise das entrevistas revelou que as professoras apresentaram uma concepção de infância que tem como característica a ingenuidade, a imaturidade e a inocência, período em que se está em processo de formação e desenvolvimento cognitivo e físico importante para as próximas fases da vida. Dentro desta perspectiva elas destacam também a questão do crescimento como outro fator que faz parte dessa fase da vida, que é destacada por ser a primeira fase. Esse período também é marcado pelo momento em que as crianças podem desfrutar da brincadeira, exploram mais o ambiente e vivenciando tempos de aprendizagem e de socialização. Quando questionadas sobre o que entendiam por infância responderam:

“...é a imaturidade, aquela vontade mesmo de aprender né, na sua grande maioria, é a busca de explorar o ambiente onde ele tá em todos os sentidos né querer saber o que está acontecendo, como que as coisas são. Então é acho que essa é a característica principal né o crescimento.” (Professora 2)

“Pra mim sem rotular assim de tal idade a tal idade, mas assim é um período da vida que mais do que nunca a gente está numa fase de formação, não que a gente não esteja em formação nas outras etapas, mas essa assim é que vai te, como que eu posso falar, que vai ter consequência para a sua vida toda, para a sua formação, pro seu caráter, pra sua personalidade.” (Professora 3)

“Infância é, pra mim é a época da vida que a gente aprende os valores, que tem tempo para brincar é ser, eu vou falar, pra mim é ser ingênuo, sabe ser infantil mesmo...” (Professora 4)

Para entender acerca da infância pós-moderna as professoras foram questionadas sobre como enxergavam a infância nos dias atuais. Para elas aconteceram muitas mudanças fazendo com que atualmente estas se apresentem de modo “adultizado”, vivenciando situações que não condizem com a sua idade e portanto, não estão maduras o suficiente para viver as atuais mudanças pelas quais a sociedade está passando. Nesse âmbito entram a questão da sexualidade, as novas tecnologias que transformam as brincadeiras, a violência e as mudanças no contexto familiar. Frente a isso a professora 3 expõe o que está ocorrendo com as crianças:

“Eu acho que ela tá muito, eles tão perdendo esse período da infância, esse período da inocência, eles estão ficando adultos precoces, aliás eles estão tendo contato com coisa que não deveriam ser da idade, como por exemplo, coisas relacionadas a sexualidade.” (Professora 3)

Dessa forma como as professoras veem o mundo infantil é como um mundo invadido, deixando as crianças muitas vezes perdidas e obrigando-as a amadurecerem de modo rápido. Assim sendo as mudanças atuais fazem com que as crianças passem mais tempo sozinhas, utilizando jogos eletrônicos e deficientes da educação e presença dos pais.

“Pra você ver, vê em casa, a televisão tá aí a todo momento invadindo as casas, as crianças ficam sozinhas em frente ao computador né? Então, antigamente não tinha isso, era só, eu muito mais, o universo infantil era muito mais rico.” (Professora 4)

Há também na fala das professoras a menção a uma comparação entre a infância de ontem, a infância delas, e a infância das crianças de agora. Nessas falas há sempre uma comparação apontando que a infância nos tempos em que elas viveram era melhor. Para as professoras houve grandes mudanças e por vezes a perda de características que julgavam importantes, entre estas está o brincar, o respeito aos mais velhos e a inocência. Nesse sentido elas concebem que houve sensíveis mudanças no mundo infantil e que muitas vezes não são vistas de forma positiva.

4.3.2 Concepção dos professores sobre a prática docente com a infância de hoje

A infância sofreu sensíveis mudanças com o passar do tempo e as professoras reconhecem tais mudanças se referindo aos comportamentos e as relações diferenciadas que as crianças estabelecem hoje com as pessoas e com os objetos de consumo. Diante destas mudanças elas relatam como sua prática docente também sofreu alterações no que diz respeito a relação que tinham com as crianças, apontam a inversão de valores e a falta de apoio das famílias como fatores responsáveis por estas alterações. Frente a isto, as professoras precisaram repensar sua prática para melhor trabalhar com as crianças de hoje.

“Se eu for olhar as crianças, antes elas eram no tempo que eu comecei, eu acho que a gente tinha mais domínio, eu acho que as crianças eram mais até respeitadas sabe, eu acho que o ensino era até, era melhor muitas coisas, eu acho que muitas coisas se aprendiam muito mais. Tem também hoje que tá muito no, tá solto, mais tranqüilo, isso que não tinha na educação de antigamente.” (Professora 4)

No momento atual a Professora 2 aponta qual deve ser a mudança dos professores para atuar dentro de sala de aula, pois a realidade que enfrentam hoje é do despreparo e da falta de formação.

“É teria que ter uma mudança de postura, uma mudança de olhar sobre o que é ensinar e aprender hoje em dia né, tem que mudar a prática dele porque os alunos que chegam pra gente hoje dependendo do assunto ele sabe mais do que você, ele te da aula. Então você tem que tá atento a isso você tem que buscar ver qual que é o né, ali ver qual que é o interesse julgar isso com a necessidade deles que as vezes em outras áreas que as vezes é grande. Então assim é um desgaste muito grande para o professor, trabalhar numa sala de aula hoje em dia é muito desgastante.” (Professora 2)

Como propostas de mudança aparecem o trabalho com as famílias, buscando destas o apoio para a educação da criança, de modo que as professoras possam contar com o núcleo familiar nas intervenções com as crianças. Além disso, o trabalho com projetos é apontado como um importante mecanismo pedagógico para discutir diferentes e atuais assuntos. Nesse sentido as professoras relatam que é importante mudanças na sua prática para que esta possa melhor atender a infância atual.

“Eu só acho que educadores hoje, professores, educadores eles tem que estar com um olhar amplo, aberto pra tudo que a gente vivencia dentro desse campo ou de outros pra que possa ajudar as crianças mesmo que elas estão mais precisando hoje em dia é de ajuda. Então é, se a gente não abre esse olhar a escola também não vai caminhar, a gente vive lutando aí com índices de, de baixa aprendizagem, essas provas sistêmicas aí que vem que cada dia que passa o município está mais lá em baixo a gente não consegue alfabetizar o menino no tempo certo. E aí a gente quer corrigir isso dando curso pro professor, ótimo claro acho que quanto mais você puder aprender maravilha. Mas eu acho também que o professor ele tem que ampliar, se ele continuar dentro da sala de aula com aquele olhar de vinte anos atrás ele não vai dar conta de resolver essas questões não, né e aí a cada dia que passa ele vai ficar mais distante do aluno dele e menos ele vai conseguir resolver os problemas que a gente tem aí.” (Professora 1)

4.3.3 Individualismo e consumismo na infância: fatores para uma prática

O consumismo e o individualismo foram levantados como pontos para serem discutidos como características que fazem parte das mudanças da pós-modernidade. Frente a isso as professoras foram interrogadas sobre a sua concepção de individualismo e consumismo nesta fase da vida e nesse campo as respostas se mostraram heterogêneas apontando para diferentes concepções acerca desse tema. No que diz respeito ao consumismo todas as professoras revelam que essa questão se apresenta atualmente de modo mais contundente na infância, o que pode ser observado na relação que as crianças estabelecem com os objetos, as tecnologias, com a escola, a família e com os pares.

Para as professoras as famílias assumem um papel central no que se refere ao consumismo por passar valores e estimularem seus filhos a serem consumidores, dando exemplo através do seu próprio comportamento de consumidor e ao oferecerem prêmios a seus filhos para que estes tenham bom desempenho na escola.

“Eu acho que a criança imita o modelo, eu acho que a sociedade é consumista, porque o nosso modelo capitalista faz consumir, consumir, consumir e família, passa isso tranquilamente, (...). Então quer dizer existe uma mídia, que atrapalha, são várias propagandas, então já tá aí embutindo essa ideologia, na família, a família já coloca isso pra criança, a criança vai vendo isso no mundo inteiro e aí só quer ter não é? É isso, acho que é, é isso que, acho que falta isso, só quero ter as coisas, não quero ser. E a própria família faz isso porque, não tô sendo, não tô tendo tempo pro meu filho, eu vou dar as coisas a ele...”
(Professora 1)

É importante ressaltar que algumas professoras relatam que não percebem comportamentos consumistas nas crianças com as quais trabalham, principalmente nas crianças mais novas, mas já se depararam com tais comportamentos em outras turmas. De modo geral as professoras dizem que essa característica já se faz presente na infância atualmente e, assim, percebem que as crianças relacionam e veem o outro tendo como foco objetos de consumo, avaliando as diferentes situações de forma positiva ou negativa tendo como parâmetro o consumismo.

“...eles falavam assim até de carro, carro que eu não tinha, assim nó professora você tem que ter um carro assim porque você é professora e vai chegar, o seu cabelo tipo assim nó cê tá com o cabelo escovado é você tem que tá em tal lugar fazer isso. Bonecos, bonecos assim de marca, eles olhavam muito essa questão assim de roupa que você usava. Eles que falavam um com o outro e falavam com os adultos também assim não era só uma questão entre eles...” (Professora 3)

No âmbito escolar o consumismo também se apresenta na relação que as crianças estabelecem com os objetos escolares, cadernos, lápis, mochilas e brinquedos. Muitas vezes as crianças querem objetos escolares e brinquedos mais caros para mostrar para os colegas, ou então não se importam com esses objetos, mas exibem um celular que ganhou dos pais, ou uma roupa que apresenta uma marca famosa, ou um brinquedo que tem um valor mais elevado. Essa relação com os objetos é marcada pelo destaque dado aquele que tem mais.

Nas escolas da prefeitura de Belo Horizonte os materiais escolares são fornecidos pela própria prefeitura o que de algum modo padroniza esses objetos, para a Professora 4 essa padronização faz com que as questões do consumo diminuam o que para a Professora 3 parece não ter efeito, visto que as crianças usam os objetos indiscriminadamente querendo sempre outro novo.

“Ah até que na minha sala eu não vejo tanto assim não sabe? Porque aqui eles recebem material, pra todo mundo é a mesma coisa, o uniforme tudo vem do mesmo jeito, um recebe uma calça, outro também recebe.” (Professora 3)

“Eu acho pras pessoas darem mais valores ao que elas ganham, por exemplo, eles ganham tanta coisa da prefeitura meia, tênis, jaqueta, calça, lápis, caderno, passa assim quinze dias já não tem mais, eu falo assim então sua mãe vai ter que comprar, não minha mãe não tem dinheiro não, vou ali pegar outro...” (Professora 4)

O consumismo perpassa a relação entre as crianças de modo que ter objetos de desejo, ou determinado poder aquisitivo, faz com que as crianças estabeleçam interações com outras. Quando uma criança tem um brinquedo de uma marca famosa é objeto de desejo e curiosidade para as outras crianças de modo que esse objeto se torna mediador das interações que se estabelecem entre elas. O consumismo se faz presente nas relações atuais alterando-as, despertando nas crianças cada vez mais cedo o desejo de obter objetos de desejo.

Em relação ao consumismo as professoras desenvolvem alguns projetos pedagógicos ou mesmo os conteúdos pedagógicos já presentes no cronograma que deve ser desenvolvido ao longo do ano o que possibilita a discussão acerca do

consumo consciente. Tal discussão é realizada dentro do conteúdo de sustentabilidade e meio ambiente.

"Então a gente tenta é levar a criança a pensar de uma outra forma, mas isso nada ajuda ou ajuda muito pouco se o reforço é diferente, isso aí é complicado. Mas assim dentro do que a gente prevê dentro da sala de aula, da possibilidade que a gente tem a gente faz muito do que a gente pode, brinca com eles, a gente fala uns dez minutos com eles uns dez minutos com eles, fala sobre o consumismo, fala sobre a questão de comprar determinada marca, porque que você tem que comprar determinada marca de roupa, determinada marca de sapato. (...) Então isso a gente já tem que conversar com os meninos porque que a gente tem que ser aquele brinquedo?" (Professora 2)

"...hoje mesmo eu fiz uma apresentação sobre meio ambiente, então meus alunos tem sete anos, então a gente tá começando agora a falar sobre o consumo responsável né? O que é o consumo responsável, se eu tenho um para que eu quero outro né, então se eu tenho um caderno pra que eu quero outro enquanto eu não acabar com aquele né. E assim as vivências que eles tem é de que não precisa, ah não esse aqui não está me atendendo mais, eu não quero ele mais então eu peço a minha mãe e minha mãe compra outro e aí a coisa vai virando a bola de neve que a gente sabe." (Professora 1)

No entanto não são todas as professoras que trabalham com questões relacionadas ao consumismo, apesar de reconhecerem a importância dessa discussão nos dias atuais. O que não ocorre em relação ao individualismo que é visto como necessário de ser trabalhado cotidianamente através do ensino do compartilhamento, da solidariedade com os colegas, da mediação nos momentos de brincadeira e da proposição de atividades onde seja privilegiada a interação e a coletividade.

No que diz respeito ao individualismo as concepções são mais diversas de modo que o individualismo é conceituado pelas professoras de diferentes formas, tais como: egoísmo, competitividade, egocentrismo, a incapacidade de dividir coisas. Além disso, não são todas as professoras que relatam perceber o individualismo nas crianças com as quais trabalham, algumas dizem que nas crianças mais novas essa questão não se faz presente. Contudo, todas relatam que os comportamentos das crianças atualmente têm alterado, sendo que essas mudanças podem ser percebidas nas brincadeiras, nas quais as crianças apresentam dificuldades em realizar atividades coletivas; na capacidade de dividir objetos, ou mesmo emprestar os materiais escolares; e a competição que se estabelece entre as crianças de maneira que um quer sempre ser melhor que o outro.

"É aquela pessoa que quer tudo só pra ele, não consegue repartir, dividir, muitas crianças são assim, na hora de um jogo mesmo só ele que pode tá a frente, não consegue perder, não consegue dividir nada." (Professora 4)

“Existe uma fase na infância que a criança é individualista, egocentrista né? Acho que você sabe mais do que eu, egocentrismo onde tudo é pra mim, tudo é meu, mas se ela convive em sociedade ela tem que saber dividir as coisas é o que as vezes a escola propõe, o grupo de colegas propõe, então ela tem que saber dividir.” (Professora 1)

As professoras também percebem que as mudanças nas interações estabelecidas entre as crianças, mudanças essas que elas denominam como individualismo se fazem presentes dentro da sala de aula. Nas atividades propostas pelas professoras o individualismo se apresenta como um fator que interfere muitas vezes na realização destas atividades e na relação que as crianças estabelecem entre si.

“O brincar na escola mesmo, situações em que você tem que colocar as crianças em grupo, situações coletivas, onde a pessoa, eles tem que é, né colaborar com o outro, onde eles tem que dividir como o outro eles tem muita dificuldade de fazer isso né. Se você vai distribuir o jogo numa sala, você dá, você fala eu tô dando isso aqui mas isso aqui é pros dois, vocês vão dividir e não precisa dividir igualmente, você vai pegar um pouco, ele vai pegar um pouco, aí você chega eles tão assim, um só tá pegando tudo pra ele e brigando: é meu ela deu pra mim. E assim então essa questão da cooperação, do coletivo, isso é muito, eu percebo como muito complicado, né.” (Professora 1)

Tais atitudes, percebidas atualmente, não eram vistas há anos atrás pelas professoras que apresentam mais anos de profissão. No início da carreira docente elas relatam que as crianças eram diferentes, suas brincadeiras mudaram, o que pode ser percebido nos jogos que antes eram propostos e as crianças gostavam, mas que atualmente dizem que não têm mais interesse. As crianças respeitavam mais e eram mais solidárias e tinham também mais capacidade de concentração nas atividades propostas. As professoras associam esses comportamentos a inversão de valores e as mudanças na estrutura familiar na sociedade atual.

“Se eu for olhar as crianças antes elas eram no tempo que eu comecei eu acho que a gente tinha mais domínio, eu acho que as crianças eram mais até respeitosas sabe, eu acho que o ensino era até, era melhor muitas coisas, eu acho que muitas coisas se aprendiam muito mais.” (Professora 4)

“Olha quando eu entrei há dezoito anos atrás você tinha alunos mais solidários, alunos mais é com uma capacidade de atenção mais concentrada, alunos que tinham uma estrutura familiar mais, não era aquilo que era na minha época, mas ainda era mais elaborada ainda era o que a gente, na verdade eu nem falo de estrutura elaborada, eu falo de é, como é que eu vou falar.. de famílias que pode ser uma pessoa, você e sua mãe, mas a sua mãe te dá a sustentação que você precisa pra dar conta daquele contexto ali né.” (Professora 2)

As professoras relatam que frente as questões do individualismo elas trabalham conversando individualmente com a criança, ou mesmo discutindo o tema

em grupo, buscando no entanto, preservar a criança que está apresentando algum problema, ou seja, elas agem sempre buscando mediar alguma situação que apresenta algum conflito ou problema.

"...tem que ser rotina, tem ser conversa todos os dias: porque que você não pode emprestar o material para o seu colega? Se você precisar de material dele ele não vai poder te emprestar? Eles fazem isso, fazem isso tanto que livros quando eles esquecem o livro falam professora eu posso sentar com meu colega? Eu falo nossa você esqueceu o livro né? Pensando na responsabilidade. Não mas eu tenho meu colega aqui que coopera muito comigo eu sento com ele. Então de um lado ele esqueceu por irresponsabilidade, vamos dizer assim, mas por outro lado eu não posso dizer nada, por uma questão de cooperatividade então aproveita então que seu colega te ajuda, então senta com ele para fazer a atividade." (Professora 2)

"Do individualismo (...) é a questão de tentar trabalhar esse coletivamente, valorizar, tentando valorizar o outro e não somente ele assim. Agora assim em relação ao consumismo eu realmente não sei. Não tenho feito nada assim pra falar eu tenho feito isso, eu realmente não tenho feito nenhuma prática." (Professora 3)

As atividades realizadas pelas professoras no âmbito da sala de aula se apresentam como um importante fator no que diz respeito às interações estabelecidas entre as crianças e nas intervenções propostas na prática educativa.

As professoras ainda reconhecem que as interações que se estabelecem entre as crianças são necessárias para a aprendizagem, para as brincadeiras e para a socialização destas. Algumas professoras acham que as interações se estabelecem naturalmente e a mediação realizada pelos adultos quase não se faz necessária, enquanto outra já traz em sua concepção que é preciso a mediação constante dos adultos para que as crianças possam interagir. Essas interações ocorrem em sua maioria no momento das brincadeiras e por vezes geram conflitos, mas enquanto a Professora 3 acha que o conflito se resolve por elas mesmas. A Professora 1 acredita se faz necessário a mediação da professora para que a situação se resolva.

"...eu fui da aula não sei se foi pro quarto, quinto ano que eu sou professora substituta então cada dia é uma turma e nós descemos para educação física e tinha três turmas, então assim uma quadra só as meninas já se junta, senta ou vai jogar queimada e os meninos aquela briga para ver quem ia jogar futebol, eu tentando falar e não conseguia aí eu desisti, joguei a bola lá, passou um pouquinho quando eu vi eles já tinham formado o grupos, coisa que eu tava lá tentando minutos eles mesmo se organizaram. Então assim eles mesmo já tem uma linguagem própria que resolve a situação, na sala mesmo assim quando eu tenho que sair as vezes eu não peço pra alguém olhar a turma, quando eu volto tem um que já tá olhando, um que já tá vigiando, um que tá em pé ajudando o outro e eles mesmo já vão se resolvendo." (Professora 3)

"Acho que criança é criança em tudo que é lugar e elas sabem se relacionar, quando querem sabem se relacionar. (...) Mas eu acho que a criança quando ela se dispõe a ser criança ela é sabe brincar com todo mundo, vai brigar sim porque ela está disputando brinquedo, ela tá disputando atenção, mas quando ela quer brincar ela quer o outro perto dela se ela quer o outro perto dela ela não vai brigar com o outro. Então eu acho que quando a criança tá nessa questão de ser criança tá nessa infância assim de corpo e alma ela da conta. Agora quando ela tem esse mecanismo de (...) de individualidade muito forte é que ela não da conta. Aí eu acho que ela precisa de uma intervenção de adulto de um monte de pessoa, intervenção de quem tiver próximo aí pra ela conseguir sei lá brincar, pra ela conseguir cooperar, pra ela conseguir interagir." (Professora 2)

"... interações que tem que ser o tempo todo mediadas, até no recreio que é um momento mais livre, eles muitas vezes, uma grande maioria não sabe brincar não sabe lidar com o outro de maneira cooperativista assim. Sempre na base do é meu, do eu peguei primeiro, eu não vou te emprestar, pega e sai correndo sabe. (...) Então assim aí você fala, você conversa né, mas isso acontece com muita frequência eles tem muita dificuldade de interagir." (Professora 1).

Frente a discussão do consumismo e do individualismo em relação às práticas educativas todas as professoras reconhecem a necessidade de se trabalhar esses temas, pois muitas vezes não se detém sobre isso. Além do fato de tais temas não estarem contemplados nos conteúdos pedagógicos a serem trabalhados durante o ano, de modo que essas práticas deveriam acompanhar as mudanças atuais. Portanto, elas concebem a necessidade de se trabalhar tais temas e se investir na formação dos professores.

"É quando a gente tá fazendo cursos de formação a gente não, não, a gente não discute essa questão do individualismo na infância relacionado a prática educativa. (...) Então eu vejo que isso não é discutido em grupo de trabalho não é discutido, discutido. Pensado nessa questão do individualismo que a gente passa o tempo inteiro na sala de aula, isso é do individuo isso é do ser humano. Aí esse individualismo, que a gente nós professores passamos por essa situação tal e a gente não consegue fazer isso, discutir sobre esse assunto. Agora eu acho que é um assunto que precisa ser discutido. É uma rotina é o que eu já coloquei eu acho que a gente trabalha com isso o tempo inteiro na sala tentando fazer isso o melhor. É claro que existe falhas e agente precisa ta repensando e refletindo a prática o tempo inteiro, mas eu vejo que a gente ta meio errando porque a gente não discute a questão do individualismo mesmo." (Professora1)

4.3.4 A brincadeira e a família: fatores de mudança

É importante destacar que as professoras mencionam que uma atividade própria da infância e que está se perdendo nos dias atuais é a brincadeira. As professoras relatam que as brincadeiras já não são mais as mesmas e que se antes

uma menina de 12 anos brincava de boneca, hoje isso já não acontece mais, uma vez que os interesses delas atualmente estão relacionados a jogos eletrônicos e internet. Desse modo, há também mudança no que diz respeito ao local onde as crianças freqüentam e as relações que elas estabelecem com o outro, as brincadeiras não são mais realizadas na rua, as crianças estão mais confinadas dentro de ambientes fechados brincando de modo solitário com videogames ou navegando na internet. Tais brincadeiras não são vistas de forma tão positiva, uma vez que altera a relação que as crianças estabelecem com o seu ambiente e com os pares, além de não estimularem a criatividade e o pensamento. Duas professoras falam acerca dessas mudanças com a infância na atualidade:

“Nossa! Na infância da gente a gente brincava de boneca até doze treze anos e não tinha vergonha disso. Os meninos de hoje assim se brincam de boneca eles assim é, com nove anos, com oito anos eles acham é pagá mico brincar de boneca, brincar de carrinho, brincar de pega-pega, de uma coisa assim na rua de amarelinha, eles já tão com outros interesses. Mas sem falar assim dos apelos tecnológicos, né internet, jogos, então assim a criança não tem muita coisa e a gente tinha muito, era o brincar na rua, era aprender com o seu par assim os meninos eram imaturos com a gente, a mesma cabeça o mesmo nível de desenvolvimento.” (Professora 2)

“A tecnologia é importantíssima, mas não substitui esse contato porque o brincar para a criança nesse momento é o contato com o ser humano. Então se ela não tem esse contato fica só no computador, no videogame, em casa ela não vai ter esse conhecimento de inter-relação. Eu vejo que tem crianças brilhantes, inteligentíssimas, mas que no momento da inter-relação com o outro fica muito complicado ele não sabe fazer porque nunca fez, não tem experiência, não sabe discutir, não sabe argumentar, não sabe ver o outro, ver a posição do outro, se colocar na posição do outro.” (Professora 1)

Nesse sentido as professoras comparam as brincadeiras que faziam parte da infância delas e as brincadeiras atuais, afirmando então que a brincadeira é algo que se perdeu. Destacam a importância da brincadeira ao dizer que esta atividade se faz importante para a socialização, para o conhecimento, para o processo de aprendizagem e de exploração do ambiente. Mas que as brincadeiras atuais não estimulam a criatividade e nem estimulam a imaginação, pois a tecnologia, os videogames e o computador só levam as crianças a repetirem. Nesse sentido o comportamento das crianças na realização das brincadeiras mudou, de modo que elas não emprestam mais os objetos e têm dificuldade em fazer as atividades juntas. Apontam também que durante as brincadeiras as crianças exibem mais os objetos que ganharam para seus pares, se colocando em posição diferente pelo que possuem.

A família também é apontada na fala das professoras como um fator responsável pela mudança apresentada na infância, pois os pais passam os valores para as crianças, valores estes que já estão mudados. Os pais não têm mais tempo para dar aos filhos e por isso compensam a ausência com presentes. São esses fatores que estimulam o individualismo e o consumismo na infância.

“Eu percebo o seguinte que hoje as famílias são menores e já começa do grupo familiar, então que não tenho que dividir nada com meus irmãos, se eu tenho, se só tem ele, tudo é pra mim, eu não tenho que dividir com mais três, com mais dois, com mais cinco, antes as coisas não eram assim a família era maior, a família nuclear era maior. Só tem eu então minha mãe faz tudo pra mim, tudo pra mim, então ela já começa, ela vê essa referência da família, se ela tem tudo pra ela não vai conseguir dividir. Quando ela passa a ter um convívio que ela tem que dividir atenção que ela tem que dividir isso, muitas vezes a família proporciona o contrário, então como eu não to conseguindo ficar com o meu filho o tempo inteiro, então eu vou compensar em alguma coisa, então eu começo a comprar as coisas, vou dar as coisas para ele.” (Professora 1)

Outro ponto levantado é que a família não tem participado do ambiente escolar e apontam que esta participação se faz importante para o ensino e para a prática educativa, uma vez que em alguns casos o que a professora ensina em sala é diferente do que aprendem em casa. Nesse sentido a relação que as famílias estabelecem com a escola também é apontada como distante, de modo que os pais não se fazem presente no âmbito escolar e não participam do cotidiano escolar, deixando a cargo das professoras o trabalho educativo.

A partir da análise das entrevistas e da criação destas categorias foi possível entender mais acerca da concepção dos professores sobre a sua prática frente o individualismo e o consumismo na infância pós-moderna. Os resultados da pesquisa serão discutidos no próximo capítulo.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados da pesquisa foram organizados no capítulo anterior para apresentar quais aspectos são apontados pelas professoras acerca da sua atuação com as crianças no contexto escolar. Foi possível então, analisar a concepção das professoras sobre sua prática frente ao individualismo e o consumismo na infância pós-moderna, objetivo deste trabalho.

Os resultados revelaram que concepção das professoras acerca da infância está pautada na inocência, ingenuidade e imaturidade, sendo a família a responsável por passar as crianças valores e formas de se comportar. O consumismo é uma característica apontada como presente na infância de hoje que está cada vez mais ligada ao consumo de objetos e tecnologias. O individualismo não se apresenta como uma característica muito expressiva na infância e muitas vezes este comportamento é denominado como egoísmo. Contudo, mesmo o individualismo não se fazendo expressivo, as professoras dizem que a socialização e as interações que as crianças estabelecem entre si têm sofrido alterações, sendo que tal fato está associado à questão do consumo. Diante disso, as práticas realizadas pelas professoras que envolvem o consumismo e o individualismo são baseadas na mediação das questões que surgem nas relações entre as crianças não fazendo parte dos conteúdos pedagógicos.

Tendo esse preâmbulo dos resultados é necessário discutir agora, a partir do referencial teórico construído no capítulo anterior, as categorias de análise apontadas nos resultados.

A primeira categoria apontada e discutida nos resultados refere-se a concepção das professoras acerca da infância de ontem e de hoje. Pode-se começar essa discussão já ressaltando a diferenciação feita pelas professoras de uma infância que existia antes e uma outra infância que existe agora. Destaca-se aqui o fato dessa diferenciação se basear em “uma outra”, porque na concepção das professoras não há um reconhecimento da infância vivida hoje com a que foi por elas vivida. E, por isso, fazem distinções entre a vivência da infância ontem e hoje, levantando como pontos principais a brincadeira, a família e a relação com os objetos.

É inegável que a infância passou por mudanças sensíveis acompanhando a pós-modernidade. Há desse modo, a constituição de diferentes saberes sobre a infância o que implica em ter que se reconhecer que ela é uma construção elaborada para e pelas crianças. Portanto, deve ser contextualizada, não havendo uma infância universal e natural (Andrade, 2010). No entanto, o que está em jogo na concepção das professoras é a ideia de uma infância natural, a qual tem características fixas e iguais para todas as crianças, não levando em consideração as mudanças históricas e sociais.

É nessa tensão que encontramos a criança como produção humana. Produção certamente orgânica, biológica. Mas não meramente (re)produção da espécie. Produção fundamentalmente simbólica e discursiva. Nomear a criança, conceituar a infância, ou teorizar sobre o desenvolvimento... faz parte de um gesto de conhecimento tornado possível pela produção de significação característico do próprio *Homo - Faber, Symbolicus, Duplex*. (Smolka, 2002, p.124).

Assim sendo, entendendo que os discursos são produções culturais, as concepções das professoras acerca da infância podem ser contextualizadas.

As professoras quando questionadas sobre como concebiam a infância revelaram que esta fase é marcada pela imaturidade, ingenuidade, inocência, uma fase de aprendizado, de desenvolvimento.

Ao ser realizada uma análise das falas das professoras pode-se dizer então que as concepções destas estão muito ligadas a ideia moderna de infância, na qual as crianças eram vistas como inocentes e puras e deviam ser separadas do mundo adulto. Como diz a Professora 2:

“Eu acho que a infância nos dias de hoje ela está muito invadida, invadida pelo mundo adulto. (...) Ela está lidando assim com estímulos que não são, assim ela não está sendo poupada hoje em dia de tudo né, ela tá imersa no mundo adulto desde muito cedo isso tá fazendo com que ela fique um pouco assim perdida, perdida. Ela não está conseguindo viver a infância.”

A professora mencionada aponta o que ela percebe de mudança no mundo infantil nos dias atuais, ou seja, uma invasão dos adultos neste mundo trazendo uma gama de informações que fazem com que as crianças fiquem perdidas e não vivam a infância. E é esta invasão que faz com que as crianças percam a pureza e sua inocência. Sobre esta concepção podemos apontar que há também uma forte ideia da teoria de Rousseau, conforme apontado por Smolka (2002). Rousseau será o pensador que descreverá que a criança nasce pura e será a educação o fator

responsável por levar a criança das emoções para a razão. Deve ser mencionado que este pensador tem grande influência no campo da educação.

A questão do desenvolvimento também se faz presente na concepção das professoras e nesse campo o conhecimento da psicologia, que embasa as teorias da educação, aparecerá como uma área que elucida questões relacionadas ao pensamento e ao desenvolvimento infantil. Nesse contexto Smolka (2002) aponta três autores serão importantes para poder entender o desenvolvimento da criança no seu aspecto biológico e cultural, são eles Wallon, Vigotski e Piaget, autores estes que são estudados no campo da educação. Suas teorias propõem explicações sobre o desenvolvimento infantil, tendo eles explicado acerca da inteligência, pensamento, linguagem, afetos, representação, imaginação, consciência de modo que o foco de análise se baseou em aspectos biológicos e culturais. São propostas amplamente estudadas e que refletem o foco do trabalho pedagógico que se debruça sobre as questões da aprendizagem e do desenvolvimento, deixando-se muitas vezes de lado o aspecto cultural conforme foi amplamente estudado por Vigotski. Como bem diz a Professora 3 entrevistada quando questionada se pensava a sua prática frente as questões que envolvem o individualismo e o consumismo.

“Eu não estou dando aquele olhar nos momentos que eu preciso dar entendeu? E na educação infantil ano passado eu olhava mais porque eu não tinha essa pressão para eles saírem lendo entendeu, da escola. Então eu realmente sentava via algumas situações assim que eu achava que devia intervir eu intervia, mas aqui nessa escola realmente eu não tenho nenhuma prática.” (Professora 3)

Assim, pode ser dito também que a formação das professoras ainda tem como referência uma ideia de infância que não se detém nas crianças que chegam a escola no século XXI, uma vez que ainda apresentam concepções que se aproximam da ideia de infância do século XIX e XX (Momo, 2007).

Ao pensar na infância do século XXI as professoras dirão que houve grandes mudanças e que hoje as crianças estão “adulizadas”, com a sexualidade mais aflorada, passando muito tempo sozinhas, utilizando de tecnologias e vivenciando situações que não condizem com a sua idade. E é essa infância que as professoras apontam como uma infância que as escapa, conforme propõe Dornelles (2005), uma vez que o saber que se tem acerca da infância moderna escapa diante das crianças que se apresentam hoje. Pode ser feita ainda uma leitura acerca dessa ideia da “adulterização” da infância a partir da construção proposta por Postman (1999). O

autor discute que agora estamos tendo uma classe diferente de sujeito que seria do adulto-criança, sugere então, que as fronteiras entre as duas categorias estão diminuindo. Desse modo, sem um conceito claro do que é ser um adulto não pode haver um conceito claro do que é ser uma criança.

Como a arena simbólica em que acontece o crescimento humano muda na forma e no conteúdo, e, em especial muda na direção de não exigir diferenciação entre a sensibilidade do adulto e a da criança, inevitavelmente as duas etapas da vida se fundem numa só (Postman,1999, p. 113).

É nesse sentido que se pode afirmar que os discursos acerca da infância ultrapassam as antigas instituições modernas, escola, igreja, família, assim as crianças ficam cercadas por pedagogias culturais. A cultura infantil é fundamentada por adultos que têm estratégias de prazer e do livre mercado. As grandes e pequenas corporações quando "conjugadas à mídia , tanto mercantilizam a cultura infantil e popular como a instituem . Produzem uma cultura que promove práticas , modos de ser e de agir , visando, entre outras coisas , à formação de consumidores infantis." (Momo, 2007, p. 119).

Diante das concepções sobre a infância apresentadas pelas professoras é preciso pensar em como essas concepções estão relacionadas com a sua prática. E nesse sentido as professoras vivenciam muitas contradições diante da diversidade de situações que ocorrem no âmbito da sala de aula. "Aí eu fiquei assim parada tipo assim o que eu faço agora, eu chamo a coordenação, a diretora, porque eu não estou preparada. Por mais que fale que eu tenha que estar, não estou." (Professora 3). As teorias que as professoras conhecem sobre a infância e o que elas encontram e têm que fazer na escola pode aparecer de forma dissonante, pois o que pensam acerca da infância e a realidade com a qual se deparam muitas vezes não têm conexão.

As professoras se deparam com situações com as quais não tem recursos para lidar, uma vez que tal situação estará ligada a dois pontos: a falta de recursos e tecnologias apresentadas pelo campo da educação e com a concepção que as professoras apresentam da infância. Sobre a falta de recursos podemos dizer que atualmente o campo da educação tem sofrido mudanças precisando discutir e abrir as portas para que as questões contemporâneas façam parte do seu cotidiano. Conforme propõe Bauman (2007) num ambiente líquido da modernidade a aprendizagem e a educação devem ser contínuas. Antigamente um diploma

universitário já era o suficiente para a prática profissional, contudo hoje o conhecimento precisa de constantes renovações. O mercado desse modo, virá auxiliar inventando cursos de habilidades que são atualmente procuradas tendo professores que muitas vezes não tem o conhecimento necessário.

Diante desse contexto é necessário pensar as mudanças no campo da educação para que a realidade da sala de aula, a realidade vivenciada pelas professoras, possa modificar, uma vez que elas mesmas refletem sobre as mudanças ocorridas na prática docente nos anos de experiência pelos quais passaram e percebem a necessidade de renovar conhecimentos e pensamentos.

Uma ponderação acerca da pedagogia e dos recursos pedagógicos utilizados se faz importante para que se possa pensar a prática docente. Nóvoa (1999) faz uma importante reflexão sobre esta questão ao afirmar que a Pedagogia é uma ciência que tem pouco respeito, seja por parte dos próprios pedagogos, do governo ou do campo de conhecimento da educação, mesmo muitos setores sociais utilizando o recurso pedagógico para diferentes tarefas. Frente a isso cabe o questionamento se a escola e a escolarização hoje devem utilizar a pedagogia convencional ou lançar mão de outros meios na educação que valorizem os diferentes recursos tecnológicos, midiáticos e didáticos.

Tal questionamento se faz presente nas falas das professoras que muitas vezes se veem em situações novas e que exigem conhecimentos e habilidades diferenciadas, pois as crianças já não são mais as mesmas de antes.

“...hoje aí ao longo desses anos com as mudanças, com a inversão de valor né hoje em dia, cada dia que passa você lida com coisas que você nem imaginava que você ia lidar a dezoito anos atrás. Situações assim a cada dia é uma experiência né a cada dia é um flash né, é uma emoção nova né e muitas vezes uma emoção nova (...). que muitas vezes não é agradável não sabe.” (Professora 2)

Assim o professor vive uma dualidade, pois se é rotulado como tradicional é porque que privilegia a disciplina, o respeito, a polidez e ganha a fama de severo. Contudo, desprezar essa postura pedagógica é paradoxal, uma vez que na sociedade pós-moderna esses pontos são cobrados da escola . " Não seria este o problema fundamental enfrentado por muitas professoras, na sala de aula contemporânea: disciplinar e estruturar crianças que vivem na cultura do prazer imediato e já não aguentam qualquer frustração?" (Charlot, 2008, p. 24).

O professor deve então desenvolver fontes de informação alternativas à escola no processo de aprendizagem, de modo que ele possa integrar o seu trabalho a estas novas fontes. Além disso, o professor ainda tem que lidar com diferentes concepções sobre a educação e o papel docente, tendo muitas vezes, que fazer opções sobre que posição adotar em sala de aula (Esteve, 1995).

Porém, educar a criança na era pós-moderna não significa estimular sua massa cinzenta desde cedo, mas equilibrar esses estímulos com métodos educacionais que enfatizem a afetividade, como já apontava Wallon. Quando o objetivo é somente o desenvolvimento cognitivo, a criança, fatalmente, crescerá indiferente ao ser humano e absolutamente individualista. Estamos lidando com a formação de seres humanos e não com máquinas que podem ser programadas. O desenvolvimento intelectual não pode estar separado do desenvolvimento afetivo. Os estímulos não devem visar somente ao sucesso no mercado, mas ao respeito humano. A negação da infância nas instituições de educação não se dá apenas através do currículo ou do conteúdo programático, mas da atuação dos profissionais (Lima, 2008, p. 43).

A concepção referente à infância também está ligada às práticas e as professoras percebem, diante do contexto de trabalho, a necessidade de repensar a sua prática tendo em vista os desafios que têm enfrentado. E, quando questionadas acerca do individualismo e o consumismo na infância, dizem da importância de pensar essas questões nas práticas educativas, uma vez que percebem esses comportamentos nos seus alunos.

No que diz respeito ao consumismo as professoras também fazem as suas construções e dizem perceber tais comportamentos nas crianças com as quais trabalham. Esses comportamentos se fazem presentes nas relações que as crianças estabelecem com seus pares, nas brincadeiras ao terem que dividir os brinquedos, na relação com os materiais escolares e na própria avaliação do outro que está pautada no que este tem ou não. É importante lembrar como aponta Bauman (2007) que a questão do consumismo diz respeito à nossa capacidade cognitiva e avaliativa de tratar as ações no ambiente social. E, por isso, desde a infância já aprendemos a avaliar as situações, as pessoas e os objetos pelo seu valor de consumo de modo que se torna mais importante possuir os objetos de consumo. Nesse contexto o consumo ocorre a partir dos ícones que são projetados na mídia, não se consome o produto em si, mas sim os ícones que eles carregam, sendo que na infância isso se apresenta mais contundente. Tal fenômeno ocorre com todas as classes econômicas, uma vez que mesmo o produto apresentando baixa qualidade são os ícones que eles carregam que permitem que as crianças comprem o produto e se

sintam inseridas socialmente (Momo, 2007). Assim os objetos são julgados e apreciados de acordo com a satisfação que trazem e quando não promovem tal satisfação são descartados ou trocados por outros que prometam a mesma satisfação (Bauman 2007).

Assim sendo as crianças levam seus brinquedos para a escola e apresentam a seus colegas durante as brincadeiras apontando para o valor que este objeto tem e com isso buscando se diferenciar dos demais. Esta questão vai se fazendo presente no cotidiano da escola e é sentida pelas professoras, conforme a Professora 3 percebe no comportamento das crianças.

“Ah eu quero o joguinho, quero a figurinha tal, eles vão, eles não tão nem aí pra valor, tipo assim o valor do produto mesmo. Igual tá tendo festa junina e eles tem que trazer prenda, então tem aluno que as vezes não tem lápis porque já acabou o que eles ganharam então não compra, não tem, eles não conseguem fazer essa relação assim eu preciso disso e eu não vou trazer uma prenda por exemplo e vou pedir minha mãe para comprar um lápis.”
(Professora 3)

Não há preocupação com o que se consome, desde que esse objeto possa inserir o sujeito em um grupo e possa fazer com que este seja reconhecido socialmente, o que se apresenta no cotidiano da escola. Não consumimos o objeto em si, mas os signos que irão distinguir os indivíduos, quer filiando-os a um grupo, ou distinguindo-os dentro de um grupo.

A circulação, a compra, a venda, a apropriação de bens e de objetos/signos diferenciados constituem hoje a nossa linguagem e o nosso código, por cujo intermédio toda a sociedade *comunica* e fala. Tal é a estrutura do consumo, a sua *língua* em relação à qual as necessidades e os prazeres individuais não passam de *efeitos de palavra*. (Baudrillard, 1995, p. 80)

As professoras cada vez mais percebem esses comportamentos e as mudanças que ocorrem na infância atual verificando a necessidade de se pensar em trabalhar com este tema. Elas percebem a necessidade de intervir quando percebem comportamentos consumistas nas crianças, mas apontam para o despreparo que enfrentam e a ausência de discussões acerca dos problemas vivenciados no cotidiano escolar. Desse modo, somente algumas professoras discutem a questão do consumismo através de temas como consumo consciente e sustentabilidade. Tal questão remete ao que já foi discutido anteriormente, as dificuldades que os professores encontram no cotidiano da sala de aula em ter novas tecnologias, conhecimentos e discussões atuais para trabalhar com seu aluno. Percebem as

mudanças pelas quais a infância vem passando, mas por carregarem a imagem de uma infância que se fez presente na modernidade, uma criança ingênua e imatura, não conseguem criar novas formas de intervenção que contemplem essas mudanças.

E esta questão também se faz presente no campo do individualismo. Todas as professoras relatam não perceber comportamentos individualistas nas crianças com as quais trabalham, principalmente aquelas que trabalham com as crianças que estão na faixa etária dos seis anos de idade. No entanto fazem menção as mudanças que as crianças apresentam nos seus comportamentos, dizendo que elas estão mais egoístas e apresentando mais dificuldade de interação com os colegas. Essas mudanças são percebidas principalmente nas brincadeiras que se apresenta como um fator de mudança muito contundente.

A concepção apresentada pelas professoras, que relatam não perceber o individualismo na infância, se assemelha a literatura pesquisada, uma vez que a questão do individualismo na infância não é mencionada pelos autores que estudam essa faixa etária. Os autores relatam que as transformações ocorridas na sociedade com a pós-modernidade alteram as formas dos indivíduos se relacionarem uns com os outros e com a cultura, essas transformações chegam a todos alterando os diferentes âmbitos das nossas vidas. Bauman (2007) e Lipovetsky (2005) apontaram que duas características que estarão presentes na pós-modernidade serão o individualismo e o consumismo, sendo que dessas duas características somente o consumismo é apontado como presente na infância. Porém, as interações estabelecidas entre as crianças e as suas formas de se comportar já são fatores de mudança sentidos na infância pós-moderna que sofrem grande influência da mídia e do próprio consumo.

Nessa lógica a mídia invade o nosso cotidiano e a criança fica exposta a um modo de se comportar e pensar de acordo com o consumo. Há então uma padronização de gostos e há um processo de personalização de modo que as pessoas se organizam em torno de modelos postos pela sociedade de consumo. Todas as escolhas já estão previstas nessa sociedade e frente a isso as crianças passam a ser alvo de agências e instituições que governam suas escolhas. Essa ação vem do exterior e é permeada por imagens apresentadas a adultos e crianças que são seduzidos por essas imagens e desse modo o pensamento das crianças são conformados. As identidades se configuram pelo que se possui (Oliveira, 2012).

As tecnologias também fazem parte do mundo pós-moderno exercem influência nos comportamentos das crianças, alterando-os sensivelmente. Costa (2010) realiza uma pesquisa sobre a influência da tecnologia na vida das crianças, mais especificamente o celular e descobre que a vida acaba sendo governada pela mídia e tecnologia. O celular por sua vez, modifica as relações das crianças e também faz com que elas se posicionem como poderosas e superinteligentes. "Surge uma infância de crianças espertas, empreendedoras, crescentemente fascinadas, engendradas e capturadas pela tecnologia." (Costa, 2010, p. 141). A autora ainda discute a partir dos seus estudos que o celular modifica as relações interpessoais das crianças, onde o contato físico, no face a face parece ser tão efetivo quanto a presença virtual. Há ainda repercussão na linguagem oral e escrita e detrimento da linguagem oral em relação a escrita que ganha novos códigos.

As novas linguagens e códigos de escrita , além de alterarem as habilidades das crianças, causam um certo desconforto entre as professoras, que perdem pontos de contato com as crianças. O celular é um artefato que repercute não apenas em questões disciplinares e de comunicação, mas aponta para a necessidade de ingerências na seleção de conteúdos curriculares e nas práticas pedagógicas de sala de aula (Costa, 2010, p. 142).

É interessante notar como essas questões entram no contexto escolar alterando até as práticas pedagógicas e fazem com que as professoras precisem repensar sua atuação com as crianças. As professoras dizem da necessidade de mediar constantemente os problemas que surgem nas interações com as crianças. Fazem isto através de conversas individuais ou em grupo quando percebem alguma situação que as crianças não conseguem resolver sozinhas. Há controvérsias em relação a questão da importância da mediação exercida pelos professores durante as interações, sendo que umas acham positivo e outras não. Contudo, todas apontam para a importância destas interações na socialização das crianças, nas brincadeiras e nas práticas pedagógicas.

Elas dizem que diferentes recursos devem ser usados no contexto de sala de aula para complementar a sua prática e o processo de ensino e aprendizagem. Mas não deixam de considerar que é preciso rever algumas questões no âmbito da educação, pois muitas coisas não são discutidas nem pensadas, incluindo o próprio tema da pesquisa. A escola ainda parece estar afastada das questões pós-modernas conservando práticas que não concebe a infância de modo diferenciado e nem considere os diferentes recursos para a relação de ensino e aprendizagem. A

questão da evolução das novas tecnologias já se faz presente na educação, mas ainda é preciso romper com a cultura do uso do papel, pois trabalha-se muito com os recursos tradicionais. Aqueles que defendem a informatização da educação dizem que é preciso mudar os métodos de ensino para possibilitar a capacidade de pensar, sendo que a função da escola será a de ensinar a pensar criticamente precisando que se domine metodologias e linguagem eletrônica (Gadotti, 2000).

A tecnologia da sociedade contemporânea é, portanto, hipnótica e fascinante, não tanto em si mesma, mas porque nos oferece uma forma de representar nosso entendimento de uma rede de poder e de controle que é ainda mais difícil de ser compreendida por nossas mentes e nossa imaginação, a saber, toda a nova rede global descentrada do terceiro estágio do capital (Jameson, 1997, p. 64).

No campo da educação é preciso pensar a questão da tecnologia para que ela ofereça mais recursos aos professores no seu trabalho com as crianças auxiliando no desenvolvimento das práticas pedagógicas. Para isso é preciso que haja uma ampla discussão no campo da educação no sentido de alargar as possibilidades de intervenção dos professores nas salas de aula. A infância pós-moderna convoca os professores todo momento a repensar suas concepções acerca das suas práticas com as crianças oferecendo novos desafios a cada dia. Esteve (1995) propõe que o desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola deve ser utilizado pelo professor no processo de aprendizagem, de modo que o professor precisa integrar o seu trabalho a estas novas fontes. Além disso, ele ainda tem que lidar com diferentes concepções sobre a educação e o papel do professor, tendo muitas vezes, que fazer opções sobre que posição adotar em sala de aula.

É preciso ainda ter em mente que a criança não é só um vir a ser, mas participe da história. Ao se pensar a criança há uma ambiguidade, pois ela pode ser vista como um ser ativo ou como passivo, nesse contexto a mediação feita pelos professores por exemplo, pode influenciar no ser criança (Oliveira, 2012).

E é esse ser criança que tem sofrido mudanças de acordo com a concepção das professoras. Nessa esfera dois fatores são percebidos como pontos de mudança, a brincadeira e a família. A família segundo as professoras é a responsável por passar os valores para as crianças, estimulando o consumo, o ter em detrimento do ser. Ainda apontam que o fato das famílias terem diminuído pode

estar relacionado ao estímulo ao individualismo. A família moderna de fato está ligada ao surgimento do sentimento da infância e tem importante papel na educação das crianças (Guéelis,1991). Assim, as mudanças sociais têm influência no contexto familiar alterando sua constituição. As mulheres se inserem no mercado de trabalho, as crianças passam mais tempo sozinhas, os pais passam a presentear mais os filhos para compensar a ausência. Esses são alguns fatores que estão ligados as mudanças ocorridas no campo da infância segundo as professoras.

Bauman (2007) acrescenta que o consumo se faz presente nas relações familiares alterando as relações entre pais e filhos. Na sociedade de consumo as mercadorias são apresentadas para as crianças estimulando-as ao consumo de objetos, de modo que até seus pais muitas vezes perguntam a opinião das crianças para comprarem algum produto. Nesse ínterim o mercado tem sua atuação ligada nas relações interpessoais, alterando as relações humanas no trabalho e no lar trazendo a questão do consumo para os diferentes âmbitos da vida transformando as ações e as vidas trazendo as mercadorias para as relações e ações.

Por isso as professoras percebem a necessidade de realizar atividades que sejam voltadas para famílias e buscar que estas participem mais do contexto escolar, porque dizem ser importante trabalhar de forma conjunta com a família para consolidar os conhecimentos trabalhados na escola. *“Mas eu acredito que a gente precisa muito da família, faz muita falta a família ta assim trabalhando na mesma direção que a escola, por mais que a família não acredita, mas eu acho que tem que ta trabalhando sim.”* (Professora 1).

As professoras têm concebido que a sua prática não pode se dissociar da realidade das crianças e têm buscado cada vez mais integrar seu trabalho com as famílias para propor atividades que levem em conta as especificidades culturais das crianças.

Nessa mesma direção, no que diz respeito às mudanças que percebem na infância de hoje, mencionam as brincadeiras. Para as professoras as brincadeiras das crianças já não são mais as mesmas e nem a forma delas se comportarem com seus pares. Na concepção de uma professora a escola terá um importante papel de resgatar essa atividade infantil. *“A escola tem tentado resgatar essa brincadeira, o brincar como lúdico mesmo e como processo de aprendizagem e mais assim no dia-a-dia da criança esse brincar aí ele se perdeu, eu percebo dessa forma.”* (Professora

2). Esse papel da escola está ligado ideia de brincadeira como uma possibilidade de aprendizado e de desenvolvimento.

A brincadeira apresentou grandes mudanças de acordo com as professoras, assim como a infância, perdendo um pouco da naturalidade de outros tempos. Atualmente os apelos tecnológicos, a violência que se apresenta de forma contundente faz com que as crianças fiquem cada vez mais presas em suas casas sozinhas em seus computadores e videogames. Interessante notar que os jogos eletrônicos não são vistos de forma positiva, uma vez que tira as crianças do convívio social. Esta ideia vai de encontro ao que Postman (1999) propõe sobre o brincar, ao dizer que assim que desaparece a ideia de infância na pós-modernidade também desaparece a ideia de brincar. É preciso considerar que a brincadeira tem modificado ao longo dos anos, mas precisamos refletir se de fato elas têm sumido, ou se a tecnologia não tenha apenas alterado as formas de brincar que passam do âmbito mais coletivo para o individual. E assim como as professoras vão percebendo as mudanças em relação às interações entre as crianças, as brincadeiras também ganham esta mesma característica.

Nesse ponto é preciso refletir sobre as mudanças que têm ocorrido na infância e como estas estão sendo concebidas e quais as práticas privilegiadas com as crianças diante destas mudanças. Entender a concepção das professoras acerca da infância pós-moderna permite descortinar o véu que recai sobre o âmbito das práticas educativas, e quais são os pontos que se faz necessário avançar para que se tenha uma educação de qualidade e que considere a diversidade de sujeitos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido por esta pesquisa tangenciou diferentes campos de saberes, sendo eles a psicologia e a educação e por isso, apresentou avanços e impasses na elucidação do objeto de pesquisa. A interface proposta no tema desta pesquisa possibilitou enxergar melhor como os professores concebem a sua prática frente às crianças que chegam a sua sala de aula. E foi no trabalho de investigar as concepções dos professores que se tornou possível tecer esta interface entre psicologia e educação. Assim, buscou-se entender um pouco mais sobre como a infância é concebida nos tempos pós-modernos e quais práticas são utilizadas e privilegiadas na formação das crianças.

É sempre importante lembrar que a psicologia no seu processo de consolidação enquanto ciência encontra na educação um campo fértil para a solidificação das suas práticas e teorias. Assim, há uma importante interlocução de saberes entre as duas áreas, interlocução esta que promove discussões e estudos que possibilitam enxergar os sujeitos no processo educativo de modo cada vez mais sócio-histórico. No que diz respeito a psicologia social, ela se apresenta como um amplo campo de investigação contribuindo para uma visão de sujeito que considera as interações que este estabelece com o meio e com outros sujeitos. Cabe mencionar que será na escola que as crianças terão um importante contato com os conhecimentos socialmente construídos e com as práticas já consolidadas em nossa cultura. Ou seja, será um importante local onde as crianças vivenciarão diferentes interações com objetos e pessoas que terão efeito sobre o seu desenvolvimento.

A relação entre estas áreas permite pensar em práticas e conhecimentos que considerem a complexidade do campo educativo e dos sujeitos nele imerso, tendo uma visão que não dicotomiza o individual e o social, o objetivo e subjetivo. “Por isso, a psicologia social é aquela que melhor possibilita o enfrentamento dos grandes problemas que atingem a educação, bem como potencializa o desenvolvimento da própria teoria crítica da sociedade.” (Sass, 2000, p. 62). E tendo esta relação como norteadora para o trabalho proposto nessa pesquisa foi possível elucidar um pouco mais sobre a prática docente frente aos desafios atuais, mais especificamente em relação a presença do consumismo e do individualismo na infância pós-moderna.

As concepções apresentadas pelas professoras sobre a sua prática revelaram as contradições que elas vivem em seu cotidiano ao se depararem com constantes mudanças na infância e a pouca discussão realizada no campo da educação acerca das possibilidades de atuação docente. As crianças vivenciam as mudanças que ocorre na pós-modernidade o que as leva a estabelecerem diferentes relações com os sujeitos e os objetos. E nesse sentido, como bem expõe os diferentes autores citados, principalmente Lipovetsky (2005) e Bauman (2007), as mudanças na pós-modernidade trazem novas questões para os sujeitos que precisam lidar cada vez mais com o estímulo ao consumismo e ao individualismo.

Nesse ínterim as crianças entram em contato com as mudanças no mundo pós-moderno, sendo estimuladas desde muito cedo a consumirem mais do que objetos, consumirem também símbolos que trazem a promessa de felicidade e de poder. Esses fatores fazem com que as crianças participem cada vez mais da lógica pós-moderna, sendo pedagogizadas para a lógica do consumo e do individualismo o que tem repercussão na constituição da infância. No que diz respeito ao consumismo, como discutido anteriormente, é uma característica amplamente percebida pelas professoras no comportamento das crianças e que tem repercussão nas relações estabelecidas entre as crianças. Estas relações se mostram pautadas pelo ter, ou não ter determinado objeto que faz com que a criança se diferencie das demais. Cabe destacar que para além do valor do objeto e da sua originalidade, o que importa é o símbolo, a imagem que ele carrega, pois é este símbolo que incluirá a criança a um grupo socialmente visto como um grupo de poder, conforme propõe Momo (2007).

Frente a esse cenário as professoras têm que repensar sua prática dia-a-dia, intervindo e mediando diferentes situações em que as crianças entram em conflito, ou são excluídas do grupo por não possuírem determinados brinquedos eletrônicos, celulares, objetos que carregam a imagem de personagens do momento. Tal prática não está prevista no conteúdo pedagógico e, portanto, não foram “pensadas” como possibilidades de trabalho na sala de aula. Dessa maneira as professoras acabam utilizando da conversa como recurso para lidar com estas situações. Necessário se faz que tais aspectos referentes a prática pedagógica sejam cada vez mais pensados e trabalhados, uma vez que a infância na pós-modernidade coloca importantes questões para o campo da educação e para a atuação dos seus profissionais que precisam de uma ampla discussão.

Ao falarem das práticas com o consumismo na infância as professoras mencionam a necessidade de se trabalhar junto com as famílias para que haja uma integração do trabalho da escola com a educação oferecida pelos pais. A integração do trabalho da educação escolar com a educação oferecida na família é algo buscado pelas professoras, pois a ruptura que existe entre essas duas esferas da vida da criança não auxilia no processo educativo. E quando o consumismo é colocado em pauta a ruptura se faz ainda maior, pois os pais usam do artifício de presentear as crianças para que elas tenham êxito na escola. Esta atitude coloca o consumismo ainda mais presente no âmbito escolar, estabelecendo uma relação de consumo que está para além de comportamentos individuais, uma vez que estabelece uma ligação entre consumismo e educação. A educação passa a ser tratada com o valor de mercado, pois quanto maior for o investimento no campo educação maior será a recompensa com objetos oferecidos no mundo do consumo. Tal aspecto deve ser melhor entendido e aprofundado para que se possa entender a relação existente entre consumismo e educação. Afinal seria a educação mais um fator de consumo no mundo pós-moderno? Essa questão não deve ser respondida neste espaço, pois é uma extensão dessa pesquisa e requer um aprofundamento do tema discutido neste trabalho.

Outro tema abordado no objetivo desta pesquisa se refere ao individualismo na infância. Para os autores, bem como para as professoras, o individualismo não é percebido na infância como uma característica que se faz presente no comportamento das crianças. Contudo, é apontado que as interações entre as crianças têm se tornado diferenciadas e elas já não se comportam como em outras épocas. E são essas diferenças que devem ser discutidas e pensadas, pois o individualismo é uma característica presente na pós-modernidade. Os fatores mais apontados como evidências destas transformações são as brincadeiras e a família. As brincadeiras atualmente têm passado do âmbito coletivo para o individual, principalmente com o advento dos jogos eletrônicos, os quais na sua maioria são feitos para serem jogados individualmente. Pode-se pensar que o que as mudanças percebidas na pós-modernidade também chegam a infância transformando atividades que antes eram realizadas de modo coletivo agora são feitas no campo individual.

Ao mesmo tempo as famílias aparecem como responsáveis por essas transformações no comportamento das crianças, responsáveis por passar os valores

para as novas gerações. É importante considerar que as famílias também têm sofrido alterações na pós-modernidade e, por isso, as relações entre os membros, os valores e as concepções de educação também sofrem alterações. No entanto, o que ocorre é que muitas vezes as professoras ainda trazem a concepção de infância e família da modernidade o que causa certo estranhamento das transformações pelas quais elas passaram. Esses pontos necessitam de mais aprofundamento, uma vez que é preciso questionar sobre qual a influência da família e da tecnologia na educação das crianças pós-modernas.

Cabe destacar neste trabalho que o público estudado não contemplou as diferentes realidades socioeconômicas e é necessário lembrar que estas diferentes realidades têm clara influência na relação estabelecida com o consumismo e o individualismo. Momo (2007) ao realizar uma pesquisa que teve o objetivo de investigar o consumismo nas crianças pós-modernas que vão à escola, sendo essas crianças pobres, apontou que para além da questão socioeconômica o consumismo está ligado aos símbolos que os objetos carregam e que inserem estas crianças na lógica do consumo. Cabe mencionar então que este não foi o objetivo deste trabalho que buscou entender acerca das concepções das professoras sobre a sua prática frente ao individualismo e consumismo na infância pós-moderna. Nesse sentido cabe realizar uma investigação que faça a comparação entre as diferentes realidades socioeconômicas no que diz respeito ao consumismo e ao individualismo.

Ao ser realizada a discussão proposta no objetivo desta pesquisa ainda cabe refletir acerca das práticas pedagógicas, principalmente no que se refere ao consumismo e individualismo na infância. Tais práticas têm ligação com a concepção de infância apresentada pelas professoras o que faz com que haja uma dissonância entre o que é proposto pelas professoras e o comportamento apresentado pelas crianças. Tais questões não são pensadas no âmbito educativo, mas são vivenciadas no cotidiano da sala de aula pelas professoras que precisam repensar e inventar sua atuação todo tempo. É preciso então, que as práticas no campo educativo sejam sempre repensadas para que haja profissionais com uma formação e atuação que contemple a complexidade da infância pós-moderna.

REFERÊNCIAS

- Andrade, L.B.P. (2010). *Educação infantil : discurso, legislação e práticas institucionais* [online]. São Paulo : Editora UNESP; São Paulo : Cultura Acadêmica.
- Ariès, P. (1981). *Historia social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. 3.ed. Lisboa: Edições 70.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Baudrillard, J. (1995). *A sociedade de consumo*. Edições 70: Lisboa.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, (RJ): Vozes.
- Bauman, Z. (2007). *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Belloni, M. L. (2007). Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, 41-56, jan./jun.
- Castro, L. R. (1998). *Infância e adolescência na cultura de consumo*. Rio de Janeiro: Nau Ed.
- Castro, L. R. (2001). *Re-visitando a infância contemporânea: passagens, possibilidades e destinos*. In: Colóquio do LEPSI IP/FE-USP, 3. São Paulo. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032001000300013&lng=pt&nrm=abn>. Acesso em: 10 Abr. 2013.
- Castro, L. R. (2002). A infância e seus destinos no contemporâneo. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 47-58, jun.
- Charlot, B. (2008). O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez.
- Cohén, P. B. & Figueiredo, A. M. R. (2012). Infância e escola: a influência do processo de globalização. *ANAIS 2º Simpósio em Educação em Ciências na Amazônia*. Manaus.
- Conselho Nacional de Saúde. Resolução CNS n.196/96. (2010). *Dispões sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Disponível em:

<http://conselho.saude.gov.br/comissao/conep/resolucao.html>. Acesso em: 10 setembro.

- Costa, M.V. (2010). *Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI*. Educar, Curitiba, n. 37, p. 129-152, maio/ago.
- Dornelles, L.V. (2005). *Infância que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis: Vozes.
- Esteve, J. M. Mudanças sociais e função docente. (1995). In: Nóvoa, A. *Profissão professor*. (1995). 2ed. Portugal: Porto Editora.
- Fischer, Rosa Maria Bueno. (2006). Infância, mídia e experiência. In: Gurski, R. & Dalpiaz, S. & Verdi, M. S. (2006). *Cenas da infância atual: a família, a escola e a clínica*. Ijuí: Ed. Unijuí.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2.ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2004.
- Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v.14, n.28.
- Gadotti, M. (2000). Perspectivas atuais em educação. *São Paulo em Perspectiva*, 14(2).
- Guéllis, J. (1991). *História da vida privada 3: da Renascença ao século das Luzes*. São Paulo: Cia das Letras.
- Ghiraldelli Jr., P. (2001). *As concepções de infância e as teorias educacionais modernas e contemporâneas*. Educação v.26 – nº 02.
- Huysen, A. Mapeando o pós-moderno. In: Hollanda, H. B. (1992). *Pós-modernismo e política*. 2ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- Jameson, F. (1997). *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2ed. Editora Ática: São Paulo. Série Temas, vol. 41 cultura e sociedade.
- Kramer, S. (2003). Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: Bazilio, L. C. e Kramer, S. (2003). *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2003.
- Libâneo, J. C. (1997). Pedagogia e modernidade: presente e futuro da escola. In: Faraco, C. A. & Ghiraldelli Junior, P. *Infância, escola e modernidade*. São Paulo: Cortez; Curitiba: Ed. da UFPR.
- Lima, L. G. (2008). *Pós-modernidade e a negação da infância*. Emancipação, Ponta Grossa, 8(2): 35-47.

- Lipovetsky, L. (2005). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole.
- Martins, L. T. & Castro, L. R. de (2011). *Crianças na contemporaneidade: entre as demandas da vida escolar e da sociedade tecnológica*. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, 2 (9), pp. 619 - 634.
- Momo, M. & Costa, M. V. (2010). Crianças escolares nos século XXI: para se pensar uma infância pós-moderna. *Cadernos de Pesquisa*, v.40, n.141, p.965-991, set./dez.
- Momo, A. (2007). *Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 366p.
- Moraes, MCM. (1996). Os “pós -ismos” e outras querelas ideológicas . *PERSPECTIVA*. Florianópolis, vol. 14, n. 25, p. 45-60, jan./jun.
- Nóvoa, A. (1999). Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. *Cuadernos de Pedagogía* n. 286, Dezembro.
- Oliveira, M.R.F. (2012). *Infância e a cultura do consumo na sociedade contemporânea*. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus.
- Postman, N. (1999). *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia.
- Sacristán, G. J. (1995). Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: Nóvoa, A. *Profissão professor*. (1995). 2ed. Portugal: Porto Editora.
- Santos, G. L. & Chaves, A. M. (2006). Proteção e promoção da infância: tensões entre coletivismo e individualismo no Brasil. *Interação em Psicologia*, 10(1), p. 83-90.
- Sass, O. (2000). Educação e psicologia social: uma perspectiva crítica. *Educação e psicologia social: uma perspectiva crítica*. São Paulo em Perspectiva, 14(2),57-64.
- Smolka, A L B. (2002). Estatuto de sujeito, desenvolvimento humano e teorização sobre criança. In: Freitas, M C & Kuhlmann Jr., M. *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez
- Sousa, K.R.R. (2012). *Discutindo as escritas das infâncias contemporâneas*. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. UNICAMP. Campinas.

- Tardif, M.; Lessard, C. & Kreuch, J. B. (2008) *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Viegas, L. M. D. C. & Osório, A. M. N. (2007). A transformação da educação escolar e sua influência na sociedade contemporânea. *InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS*, v.13, n.26, p.92-115, jul./dez.
- Veiga-Neto, A. (2003). Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da modernidade. In: Costa, M. V. (org). (2003). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, p.103-126

APÊNDICE

Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado(a) Professor(a),

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE: concepção de professores acerca do consumismo e individualismo”. Esta pesquisa tem como objetivo investigar e analisar as concepções dos professores das séries iniciais do ensino fundamental a respeito da sua prática frente ao consumismo e individualismo na infância contemporânea. Sua participação na pesquisa se dará por meio de uma entrevista que será gravada e posteriormente, transcrita textualmente. Sua colaboração nesta pesquisa é totalmente voluntária e não gera nenhum dispêndio ou ganho financeiro. Neste processo, os riscos de desconfortos a você são praticamente inexistentes. Porém, você poderá escolher não responder a qualquer pergunta e, a qualquer momento você pode desistir de participar tanto da entrevista como da pesquisa. Seu anonimato será garantido e seu nome não será divulgado em relatórios ou artigos que resultem desta pesquisa. Você receberá uma cópia desse termo, onde constam os contatos do pesquisador responsável pelo projeto, de modo que, a qualquer momento, poderá tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e sobre a sua participação na mesma.

Bianca Ferreira Rocha
 Contatos: (31) 9144-6715
biancaroch@yahoo.com.br

Profª Drª Érika Lourenço
 Contatos: (31) 3409-6264
erikalourenco.mail@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa /COEP – UFMG
 Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005
 Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – Brasil, 31270-901
coep@prpq.ufmg.br, (31) 3409- 4592

Declaro que entendi os objetivos e os termos de minha colaboração para a pesquisa e concordo em participar da mesma.

Assinatura do professor voluntário

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2013.

Roteiro da entrevista

Nome:

Idade:

Formação:

Qual curso realizou:

Em qual instituição formou:

Quanto tempo de formação:

Profissão:

Tempo de profissão:

Faixa etária de alunos com quem já trabalhou:

Tempo de trabalho na atual escola:

- 1) O que você entende por infância?
- 2) Como você concebe a infância nos dias atuais?
- 3) O que você entende por individualismo? e por consumismo?
- 4) O que você pensa acerca do individualismo na infância? E por consumismo?
- 5) Como você concebe a sua prática frente ao consumismo e individualismo na infância dos dias atuais?
- 6) No seu cotidiano de trabalho você lida com questões que envolvem o consumismo na infância? E questões que envolvem o individualismo?
- 7) Você promove atividades coletivas? E individuais? Quais? Com qual você mais gosta de trabalhar?
- 8) Como você lida com crianças que apresentam comportamentos individualistas? E consumistas? Você trabalha esses conteúdos com elas?
- 9) Comportamentos individualistas aparecem nas brincadeiras das crianças? E o consumismo?
- 10) O que você pensa acerca das interações que as crianças estabelecem durante a realização de uma atividade?
- 11) O que você pensa acerca do individualismo e consumismo na infância em relação as práticas educativas?